



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ARTE E RESTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DETERIORADA:**

Um estudo sobre a intervenção ‘‘Women are Heroes’’, do artista JR no Rio de Janeiro  
(2008)

Renata Fernanda Lima de Melo

**Orientador:** Professor Msc. Aécio da Silva Amaral Júnior

JOÃO PESSOA

2020

RENATA FERNANDA LIMA DE MELO

**ARTE E RESTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DETERIORADA:**

Um estudo sobre a intervenção ‘‘Women are Heroes’’, do artista JR no Rio de Janeiro  
(2008)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Sociais

**Orientador:** Professor Msc. Aécio da Silva Amaral Júnior

JOÃO PESSOA

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M528a Melo, Renata Fernanda Lima de.  
Arte e restituição da identidade deteriorada: Um estudo sobre a intervenção "Women are Heroes", do artista JR no Rio de Janeiro (2008) / Renata Fernanda Lima de Melo. - João Pessoa, 2020.  
64 f. : il.

Orientação: Aécio Amaral.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Estima; Arte; JR; Providência. I. Amaral, Aécio. II. Título.

UFPB/CCHLA

**RENATA FERNANDA LIMA DE MELO**

**ARTE E RESTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DETERIORADA:**

Um estudo sobre a intervenção “Women are Heroes”, do artista JR no Rio de Janeiro  
(2008)

Monografia do curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. Em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora:**

---

Professor Msc. Aécio da Silva Amaral Júnior – DCS/UEPB  
(Orientador)

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Aina Guimarães Azevedo – DCS/UEPB  
(Examinadora)

---

Professora Dr. Thiago Panica Pontes – DCS/UEPB  
(Examinador)

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
vaginas abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas luas  
afastam delas e de nós  
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede.

Conceição Evaristo

## AGRADECIMENTOS

### *Ciclo das águas*

Terminando um ciclo, me lembro do começo. No começo de tudo tinha minha mãe, Francisca, obrigada mais uma vez por me escolher. Obrigada por possibilitar meus estudos e um lar, obrigada por possibilitar sonhos, por me deixar ir e por ser sempre um lugar seguro para onde voltar e estar. Obrigada pela compreensão, pelo amor e pela vida, te amo.

Ainda sobre inícios. Não teria chegado às Ciências Sociais se não tivesse tido o grato encontro com uma grande amiga, Luisa. Obrigada Lui, por ter me guiado ao caminho que mais provocou mudanças em minha vida. Obrigada pelo amor presente, futuro e à distância. Obrigada pelas conversas existenciais e resistenciais. Obrigada pelas trocas e pelos mais de 10 anos de amizade.

Agradeço aos amigos que tive a grata coincidência de cruzar meu caminho, meus amigos de curso. Vani, obrigada pelo amor e por me fazer entender que cada um ama no seu tempo, do seu jeito, obrigada por me fazer compreender o tempo, o meu e o dos outros, te amo.

Bia, obrigada por sempre transbordar amor, carinho, por fazer sempre parecer que tá tudo bem e se não tiver, vai ficar, te amo.

Wertton, por me ensinar sobre reinvenção, sobre começos, meios e fins e que em tudo existe uma nova possibilidade, obrigada pela paciência e pelo carinho e por nos reencontrarmos, pelo risos, te amo.

Idayane, por ser amiga, por sempre garantir se tá tudo bem, por todas as conversas, pelos desesperos juntas e pela calma também, obrigada, te amo.

Natália, obrigada por cada risada, por descomplicar as coisas.

Priscila, obrigada pelo carinho, por ser firme, às vezes até um pouco dura, mas nunca me faltando abraço quando necessário. Obrigada por sempre defender o bem, por me fazer aprender a não abrir mão do que me faz bem, de entender meu valor e não abrir mão de mim, obrigada pelo perdão e pelo amor. Te amo.

Caterine, obrigada por um dos maiores encontros que tive. Obrigada por ser amiga de das conversas sérias às banalidades, por ser amor e alegria, mas também sabedoria, obrigada por um dos maiores encontros, mas também obrigada pelo maior reencontro, obrigada por me ensinar a caminhar junto, mas também a aprender a andar só, amiga, muito obrigada por tudo, por me segurar nesse fim de curso, por tudo, te amo. Sem vocês não teria ficado no curso, não teria resistido, obrigada pelo carinho diário e pelas conversas que me marcaram por toda eternidade.

Aos amigos que os amigos do curso me trouxeram. Wenita, que saudade, quanto amor, muito obrigada por ser sempre ouvidos e quando era fala, sempre tão certa mas serena com as palavras, obrigada por sempre me fazer sentir amada, te amo. A Ita e Oda, por todo carinho e amor, por cada encontro, por cada sorriso e cada conversa compartilhada, amo

vocês. Ao Manuel, que chegou já no fim, obrigada por sempre abrir sua casa e por cada recepção e cada jogo, obrigada pelo carinho.

Obrigada pela existência da Yume e da Raquel, que mesmo à distância me ajudam a manter a sanidade mental, amo vocês.

Agradeço à Minha Jampa. Por ser algo essencial para a cidade de João Pessoa. Jerlan, obrigada por ter se tornado um grande amigo, pelo carinho, pelas plantas aguadas e pelos gatos cuidados, pelo afeto enorme, obrigada por ter entrado na nossa vida. Marne, obrigada pela leveza e pelo carinho, sempre. E a Vani mais uma vez.

A todas as mulheres com quem dividi um lar, Lu, Ingrid, Paula, Anne e Ricely. Todas vocês me ensinaram tanto, sobre mim, sobre partilha, sobre amor e sobre crescimento.

Lu, nunca vou saber agradecer você, por todo o carinho, tempo, paciência... Obrigada por me ensinar um novo jeito de sentir, de transmitir e de amar, te amo.

Paula, obrigada por me fazer sentir mais perto da natureza, só com a sua presença, foi um prazer dividir uma casa, nossa casinha, 163, com você e com todos que você trazia com você e em especial obrigada pela compreensão com tanto prato sujo (risos), mas de verdade, obrigada por cada conversa na mesa redonda, por todas as refeições que partilhamos juntas, obrigada, te amo.

Anne, Ingrid e Ricely, o tempo foi pouco mais o carinho continua, pelo que foi bom e por todo ensinamento, obrigada.

Agradeço a todas as minhas tias. A tia Ana, por sempre me acolher. A tia Luzia, sempre tão cheia de luz e abraços para dar, conversas pra dividir. A tia Guia, por me ensinar uma língua, por me incentivar a desbravar esse mundo. A tia Graça, por todo cuidado de sempre. A tia Zélia pelo afeto. A tia Teresa por ser sempre tão amorosa. A tia Vera e tio Epitácio, por sempre, sempre me acolherem na sua casa. Tia Severina. A tio Gabriel que não está mais aqui, sempre tão quietinho, mas sempre disposto a me ajudar.

Axs amigxs que a arte me trouxe.

Elis, obrigada por ser além de professora, uma amiga, já te disse, mas obrigada por me salvar a cada aula, com cada sequência, me lembrar que eu ainda sou arte, apesar da dureza da academia, obrigada por sua entrega ao que faz, te amo!

Leydi, obrigada por cada conversa sincera, caminhando para o estacionamento ou para o Castelo, obrigada por ser verdadeira e obrigada pela sua dança e sua arte, te amo!

Debora, obrigada por me incentivar cada vez, obrigada por você como um todo e também, obrigada pela sua arte, me faz acreditar.

Vocês me fazem acreditar. Obrigadas pelos corpos que se movimentam e confrontam a dureza da cidade. Amo vocês. Obrigada por me inspirarem.

Obrigada aos meninos, Paulo, Thardife e Panda, por nossa banda, obrigada por também me salvarem, obrigada pelo trabalho criativo, obrigada pela arte que me faz ter vontade de

viver, me sinto grata por a gente ter se achado e por cada música criada junto. Obrigada por terem me trazido de volta, pro meu lugar, a música.

Agradeço pela existência de Gabi, Danilo e Ceci, que já eram família, antes de serem oficialmente família, obrigada por cuidarem de mim. Gabi, obrigada por ensinar o que é ser atravessada, pelos chás de camomila, pelas mudinhas e por todas as conversas que me deram a certeza que tudo ficaria bem, por me ajudar a caminhar em frente, sempre, te amo. Danilo, obrigada pela leveza e simplicidade, pelos ensinamentos sobre plantas, pelos cafés e pelo carinho. Ceci, obrigada por ser esse raio de sol, por toda felicidade e carinho que sinto toda vez. Obrigada por vocês três, muito! A caminhada durante o curso se tornou mais leve com uma paradinha para tomar café no quintal e obrigada por se tornarem oficialmente família. Agradeço a Nani, Franco, Nalu, Dona Ceixa e seu Joaquim, pelo amor, pelo carinho e pelo acolhimento, sou muito feliz de fazer parte da família de vocês.

Obrigada Tio Franci, Binha, Tia Anita e Mimin, por existirem e por todo o amor e carinho, por todos os abraços, amo vocês.

Agradeço aos reencontros, agradeço ao meu irmão Daniel, por termos transformado nossa relação, pelo nosso caminho, por todo amor, por aprender um com outro sempre e sempre voltarmos um para outro, obrigada pela paciência, pelo amor, pelas caronas e pelo cuidado, te amo. Andrea, João e Joaquim, sou muito feliz por dividir com vocês, amo vocês.

Agradeço ao que dividem comigo a maior parte do dia, obrigada ao meu companheiro e amigo, Artur. Obrigada pelo amor, o amor que não prende, pelo amor que aprende e ensina, que perdoa. Obrigada por me fazer querer dividir de novo, por cada conversa, sobre seriedades, ou banalidades, por me segurar, principalmente agora no fim desse ciclo, obrigada por garantir que vai ficar tudo bem. Obrigada por Margot, Cosmos e Romeu, nossos gatos. Obrigada pelo cuidado. Te amo.

Por fim, agradeço a todxs xs professorxs que passaram pela minha vida acadêmica, a todo ensinamento passado. Em especial obrigada à Cristina Matos pela preocupação sincera e por ter me apresentado ao mundo da arte dentro da sociologia; ao professor Marcelo Burgos pela oportunidade com o PIVIC, a Terry por suas questões colocadas todo início de aula que provavelmente me fizeram desistir de desistir do curso. Obrigada a Aécio por ter me aceitado como bolsista no projeto de extensão Cinema Francófono e ainda mais por aceitar essa empreitada me orientando, obrigada pela compreensão e paciência. Obrigada Mônica Franch e Patricia Ramiro, professoras que ficaram marcadas na minha memória. Obrigada Gustavo Kuffel pelas aulas de yoga grátis na capelinha, por aliviar o dia de muitos alunos. Obrigada Vinicius, pelas aulas de alemão, pelas oportunidades. Obrigada a Aina por me introduzir no mundo da antropologia da arte, por aulas incríveis e dinâmicas e por aceitar fazer parte da banca desse trabalho. Obrigada a Thiago Panica pelas aulas em sociologia da cultura e por também aceitar fazer parte desta banca.

Agradeço a todas as minhas entrevistadas que fizeram esse trabalho possível, obrigada por dividir comigo um pouco da vida de vocês e obrigada pelo tempo dedicado.

Obrigada a todxs que fizeram parte desse meu ciclo, no começo, no meio ou no fim. Obrigada pelo carinho, por cada palavra que me ajudou ao longo desta trajetória, sou grata por cada aprendizado, por ter começado, por ter aprendido e por ter chegado ao fim. Obrigada.



## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de pesquisa a intervenção “Women are Heroes” do artista francês JR, no Morro da Providência, Rio de Janeiro, no ano de 2008. Ao longo do trabalho arte e teorias de identidade, estigma, estima e reconhecimento, cruzam caminho, na tentativa de entender se a arte serviria de dispositivo de mudança na autoimagem dos grupos sociais, em especial em comunidades estigmatizadas. Através de entrevista com as mulheres participantes do projeto de JR se tentou entender quais os efeitos do projeto na vida das pessoas e da comunidade. Estabelece-se assim a arte como um grande aliado das ciências sociais, como dispositivo político e como modo de fala. Concluiu-se que houveram mudanças positivas, porém havendo potencialidades da intervenção não exploradas.

**Palavras-chave:** Estima; Arte; JR; Providência.

## ABSTRACT

This work has as its object of study the artistic intervention “Women are Heroes” by the French artist JR, in Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2008. Throughout the work art and identity, stigma, esteem and recognition theories cross paths, in an attempt to understand if art plays a role in the changing of the self image of social groups, especially in stigmatized communities. By relying on interviews with the women who took part in JR’s project, I tried to understand what were the effects of the project in their personal and community life. The work takes art as a great ally of social sciences, as a political device and an expression mode. It concludes that there were positive changes, although there were potentialities of the intervention that remained unexplored.

**Key-words:** Esteem; Art; JR; Providência.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Morro da Favella pelo fotógrafo Augusto Malta, 1920.....	17
Figura 2: Mapa da localização do Morro da Providência.....	19
Figura 3: Mapa da localização do Morro da Providência.....	19
Figura 4: Morro da Providência visto de longe por Bert Kohlgraf, 2010.....	21
Figura 5: Morro da Favela, Tarsila do Amaral, 1924.....	22
Figura 6: Distribuição por sexo e faixa etária da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade (%) .....	24
Figura 7: Distribuição da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade por raça/cor autodeclarada (%)......	25
Figura 8: Distribuição da população das UPPs com 16 anos ou mais de idade por raça/cor autodeclarada, segundo localização (%) .....	25
Figura 9: Distribuição da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade, por faixa de renda individual mensal média (%)* .....	27
Figura 10: Projeto de JR, Portrait of a Generation, 2005.....	37
Figura 11: Intervenção do JR no Muro de Separação, lado palestino, 2007.....	38
Figura 12: Ação do JR com Crianças no Morro da Providência, 2008.....	40
Figura 13: “Women are Heroes” na escadaria do Morro da Providência, 2008.....	41
Figura 14: Intervenção do JR, Morro da Providência, 2008.....	43
Figura 15: Os olhos da intervenção do artista de perto, Morro da Providência, 2008.....	44
Figura 16: As luzes do Morro da Providência e “Women are Heroes”, 2008.....	44
Figura 17: Os olhos da Providência, “Women are Heroes”, 2008.....	46
Figura 18: “Women are Heroes”, na Casa França Brasil, Rio de Janeiro.....	53
Figura 19: Intervenção “Women are Heroes”, Arcos da Lapa, Rio de Janeiro, 2009.....	54
Figura 20: Casa Amarela e a Lua, Morro da Providência.....	57
Figura 21: Projeto de JR no Les Bosquets, Paris, 2004.....	59

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da população das UPPs com 16 anos ou mais de idade por posição na ocupação (%) .....	26
Tabela 2: Ocupações mais frequentes da população ativa das UPP com 16 anos ou mais de idade* (% dos que declararam ter ocupação remunerada) .....	27

## **LISTA DE SIGLAS**

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**FIFA**- Federação Internacional de Futebol

**UPP** - Unidade de Polícia Pacificadora

**OUC** - Operação Urbana Consorciada

**ONG** - Organização Não Governamental

**MRJ** - Município do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>14</b>
<b>Capítulo I. Entre estigmas e artes, Morro da Providência e JR</b> .....	<b>16</b>
I.I. De Morro da Favela à Morro da Providência.....	16
I.II. Teorias identitárias e o Morro da Providência.....	21
<b>Capítulo II. O artista, a arte e seu dispositivo político</b> .....	<b>34</b>
II.I. Reflexões sobre a relação entre sociologia e arte.....	34
II.II. Do pixo ao lambe-lambe, a arte questionadora de JR.....	35
II.III. A capacidade da arte em falar do social e seu dispositivo político.....	45
<b>Capítulo III. “Women are heroes” pelos olhos das mulheres da Providência</b> .....	<b>48</b>
III.I. Meu caminho e metodologia.....	49
III.II. Mulheres da Providência, Mulheres são Heroínas.....	52
III.III. Casa Amarela.....	56
III.IV. Possibilidades e limitações do artista e de sua arte.....	57
<b>Conclusão</b> .....	<b>61</b>
<b>Referências</b> .....	<b>63</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

Espero que os meus caminhos sempre me levem para a arte, de um jeito ou de outro. Abstrato ou de um jeito absurdamente óbvio. Talvez não houvesse outro caminho para a conclusão desse ciclo, se não pela arte. Começo assim, para dizer que isso aqui é inteiramente uma parte de mim, partes. Eu tive que achar algo que amo para conectar a algo que também amo, mas que por vezes me prende, por fim, a arte, o estudo dela, se tornou a saída.

Em 2011, quando estava fazendo um curso de performance em música, um professor nos apresentou um artista, que tinha feito uma intervenção artística no Brasil, o artista brincava com estereótipos e questionava os estigmas reforçados pela mídia. No Brasil, sua intervenção foi no Morro da Providência, que a mídia clamava ser uma das mais perigosas do Rio de Janeiro, após a morte de três jovens. O artista chega ao antigo Morro da Favela, para dar continuidade a um projeto com mulheres de zonas de conflito, o “Women are Heroes”, na tentativa de colocar essas mulheres em foco e de tirar de foco a violência vivida.

Este estudo se ocupa da análise da intervenção “Women are Heroes” do artista francês JR, no ano de 2008, no Rio de Janeiro, dentro do Morro da Providência, primeira favela da cidade. Colocando a intervenção artística em perspectiva com estudos teóricos sobre identidade, estigma, estima e reconhecimento, passando por autores como Erving Goffman, Axel Honneth, Stuart Hall e Charles Taylor. Uma análise das capacidades da arte e sua interação com a esfera pública, seus efeitos sob esta, também foi feito, usando autorxs como Chantal Mouffe e Howard Becker. A comunidade foi contextualizada histórica, espacial, social e (ligeiramente) economicamente, fazendo uso de dados sociodemográficos, mapas, historiografia de outros estudiosos e também das mulheres que fizeram parte do projeto. Para a contextualização do artista, foi feito uma pesquisa online, de entrevistas de JR e palestras, o material disponibilizado em seu site, sobre seus trabalhos anteriores, sua história.

Tento ao longo do estudo demonstrar como a arte pode simplificar a representação de certos problemas sociais, de como ela se mostra uma forte aliada, portanto, tentando demonstrar seu valor para as ciências sociais, por meio da investigação da intervenção.

Por meio de entrevistas semiestruturadas com as mulheres que participaram do projeto se tentou observar se houveram mudanças na estima da comunidade do Morro da Providência, se esta pôde ajudar na reversão de uma identidade deteriorada de membros de comunidades estigmatizadas, e este era o principal objetivo desse estudo. Ocorreu também uma breve análise da Casa Amarela, onde se colocou também a questão da restituição, no sentido de devolução, retorno para comunidade, conforme Carmen Rial (2014).

Por fim, uma observação dos remédios para as injustiças sofridas pela comunidade, encontrando as soluções, possivelmente, em uma parceria com a arte, montando um argumento final, que colocou Chantal Mouffe, Axel Honneth, Nancy Fraser e Carmen Rial em diálogo.

Sendo assim, no capítulo I me dedico à historiografia do Morro da Providência, as teorias de identidade, reconhecimento, estigma, estima, colocando-as em perspectiva com a população da comunidade onde a intervenção “Women are Heroes” foi executada. No capítulo II me ocupei de apresentar o artista, sua história e me adentro em como aconteceu seu encontro com o Morro da Providência, seu objetivo com a intervenção artística, o fato de colocar a arte como um modo de falar da sociedade, segundo Becker (2009) e vejo a obra de JR como uma arte crítica segundo Mouffe (2013). No último capítulo, apresento as entrevistas feitas por mim e as coloco em perspectiva com a noção de estima e reconhecimento de Honneth, além de adentrar a questão da restituição de Rial; encerro o capítulo colocando as possibilidades da arte de JR, baseando-me nas questões de Nancy Fraser quanto à redistribuição e reconhecimento.



## Capítulo I - Entre estigmas e artes, Morro da Providência e JR

### Capítulo I.I - De Morro da Favela à Morro da Providência<sup>1</sup>

Neste capítulo o que irá se apresentar é uma contextualização do Morro da Providência, passando brevemente por sua história e de como essa cruzou o caminho com o artista francês JR.

O Morro da Providência começa sua história, de certa forma, com o fim da Guerra de Canudos<sup>2</sup>. Em 1897, um grande número de ex-combatentes de Canudos—naturais de diversas regiões do país vai ao Rio de Janeiro, a capital federal da época, se dirigem ao Ministério da Guerra, na esperança de conseguirem terras como recompensa pela batalha ganha, o que não acontece. Porém, lhes é “concedido” um lugar para residirem, um morro que em sua base uma vez existira o mais populoso cortiço do Rio de Janeiro, o “Cabeça de Porco”, que fora demolido em 1893 com a Reforma Passos. Os novos moradores (“novos”, pois, segundo Terry (2018) afirma, antes dos ex-combatentes já existiam moradores, devido à demolição do antigo cortiço e ainda segundo Mello (2019), há possibilidade que entre esses primeiros moradores, além dos ex-combatentes, existissem sobreviventes da Guerra de Canudos) deram o primeiro nome da comunidade, Morro da *Favela* (figura 1), em referência ao arbusto típico da região de Canudos e do Nordeste.

O Morro da Providência está localizado no Rio de Janeiro, centro da cidade, próximo à Central do Brasil, bairro da Gamboa, portanto, zona portuária. Sua história, que começa em 1897, remonta também a elementos essenciais da história do Rio de Janeiro e me atreveria a dizer que do Brasil também. Mesmo assim, quando faço uma pesquisa superficial para achar um mapa para incluir neste trabalho, não consigo achar nada, não nos mapas mais convencionais, turísticos e mais simples, mas como um local que eu consideraria um marco importante para a história do Rio de Janeiro, era de se esperar encontrar em mapas. Enfim, usei uma imagem do Google Maps (figuras 2 e 3). Para

---

<sup>1</sup> A história do Morro da Providência aqui apresentada é um apanhado de informações fornecidas por Tatiana Terry (2018) e Carolina Braun de Mello (2019).

<sup>2</sup> Guerra de Canudos ou Campanha de Canudos foi um conflito armado que envolveu o Exército Brasileiro e membros da comunidade sócio-religiosa liderada por Antônio Conselheiro, em Canudos, no interior do estado da Bahia. Os confrontos ocorreram entre 1896 e 1897, com a destruição da comunidade e a morte da maior parte dos 25.000 habitantes de Canudos (Wikipédia).

começar, o termo favela, como categoria habitacional, surge a partir do Morro da *Favela* (VALLADARES, 2005 apud TERRY, 2017). No Morro da Providência (figura 4), mais especificamente, na Ladeira do Barroso, nasce e reside Machado de Assis. Subentende-se pelo título da obra que a comunidade também inspirou a artista Tarsila do Amaral (figura 5). E trazendo para um momento mais atual, a Providência é o lar de Maurício Hora, após uma tragédia com fotografia dentro da comunidade no ano de 1991, Maurício era o único que podia portar uma câmera fotográfica<sup>3</sup>, fez registros históricos do lugar.

Figura 1: Morro da Favela pelo fotógrafo Augusto Malta, 1920



Fonte: Página do Facebook Augusto Malta

Uma moradora em entrevista concedida para esse trabalho, conta parte da história de quem eram os antepassados da comunidade:

*Quando foi assinada a lei dos sexagenários, todos foram libertos homens e mulheres idosos, sem senzala, comida, casa, vestes, sem trabalho. Subiram a trilha da favela que chamaram de 'Trilha do Livramento'... Eles foram para o Porto. E os fundadores do Porto eram Portugueses. Em troca de algumas moedas, os negros descarregaram ou carregavam os navios atracados no Porto. Os portugueses os chamavam de "Cavalos". (Rosiete Marinho, líder comunitária, entrevista realizada em 2020)*

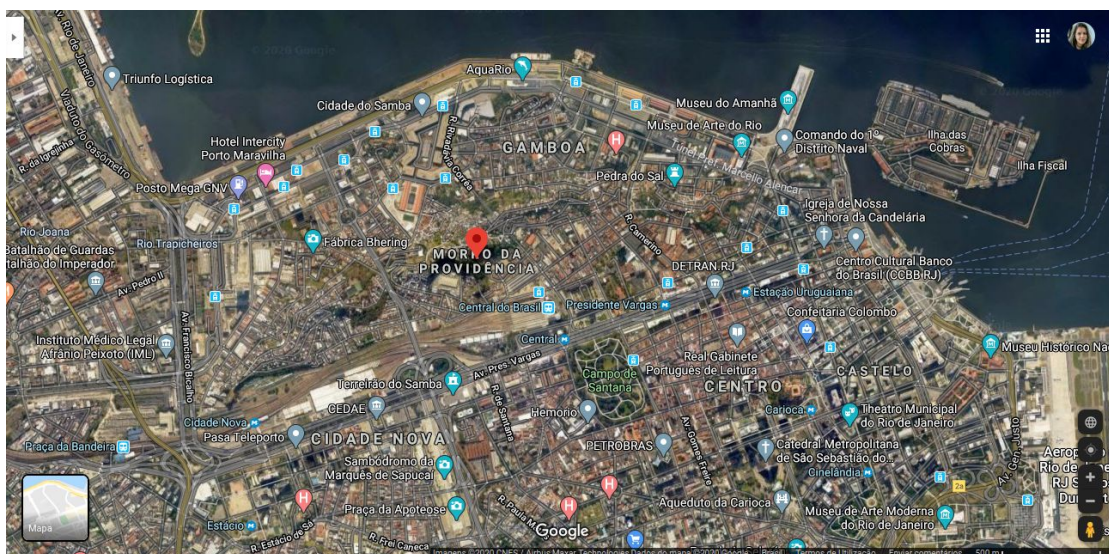
<sup>3</sup> Informações dadas por Maurício Hora em entrevista para quadro do programa do Luciano Huck.

O Morro da Providência foi a casa de ex-escravizados que com a falta de políticas públicas, sem lugar para ir, lá fizeram morada. A casa de possíveis nordestinos, ex-combatentes e sobreviventes de uma guerra, também sem um lar, uma saída para os que eram invisibilizados pelo poder público, lá acharam seu lugar. Desde seu começo, a favela, como categoria habitacional – “nova categoria para designar as aglomerações pobres, de ocupação ilegal e irregular, geralmente localizadas em encostas” (VALLADARES, 2000, p. 7) é estigmatizada, não olhada, marginalizada, por mais que seja um marco, como o Morro da Providência. Lar de nordestinos, de negros descendentes de ex-escravizados, lar dos menos abastados – já entrando aqui na questão de que o estigma delimita espaços econômicos para os estigmatizados também, a questão da identidade, portanto, pode abranger muito mais que o ser do indivíduo, mas delimita também o seu lugar na corrida econômica incitada pelo capitalismo –, sofreu com excessos do Estado de diversas formas. Recentemente, o Morro da Providência foi uma das comunidades que sofreram com os efeitos da organização para a Copa do Mundo da FIFA (2014) e as Olimpíadas (2016), segundo Carolina Braun de Mello (2019), mudanças essas previstas pelo projeto Porto Maravilha<sup>4</sup>, que faz parte do “Morar Carioca” uma vez que a cidade do Rio de Janeiro precisava de “melhorias” para receber os turistas, com o discurso de que aquilo melhoraria a habitação e o direito à cidade para os moradores. Porém, segundo Mello, isto se deu sem nenhum diálogo com a comunidade, o que se deu foram remoções para “melhoria” pautadas em interesses econômicos para pessoas que não eram da Providência.

---

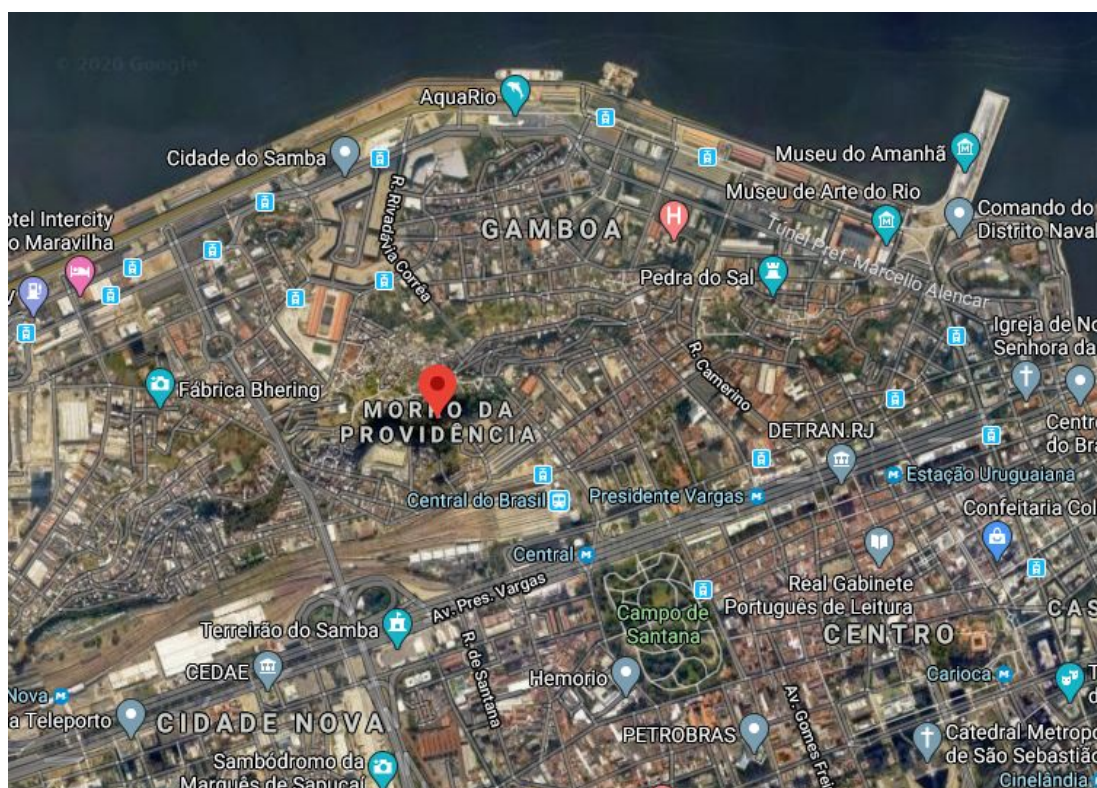
<sup>4</sup> Segundo Toledo (2012), o projeto Porto Maravilha seria fruto de uma OUC (Operação Urbana Consorciada) da área de especial interesse urbanístico da região portuária do Rio de Janeiro. A OUC foi criada pela Lei Municipal n.101/2009. A OUC previa a participação dos moradores nas decisões.

Figura 2: Mapa da localização do Morro da Providência



Fonte: Google Maps.

Figura 3: Mapa da localização do Morro da Providência



Fonte: Google Maps.

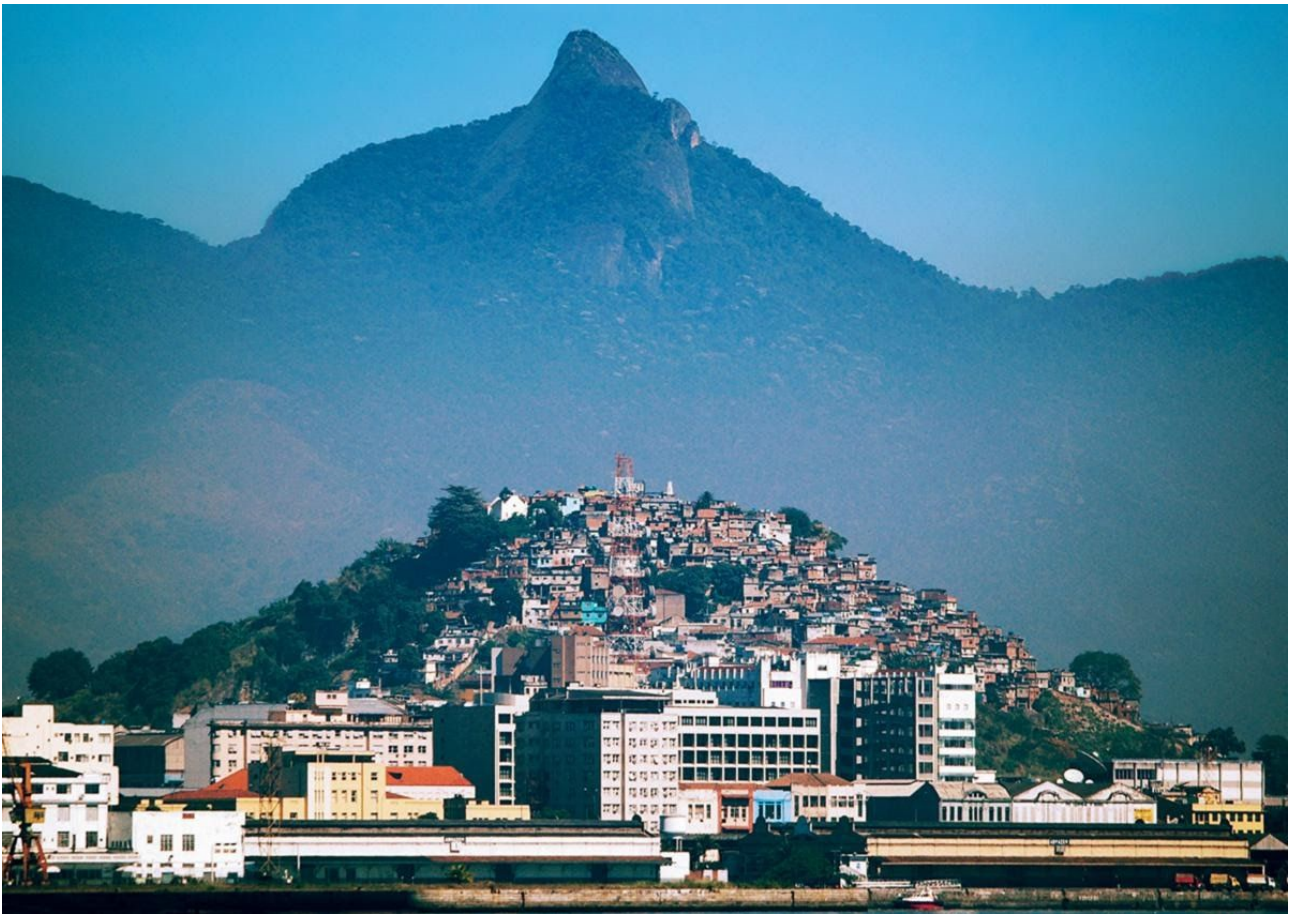
O ponto na história que me leva a escrever sobre o Morro da Providência aconteceu em 2008, e é também mais um episódio de abuso do Estado. Apesar de ter acontecido há mais de dez anos, ainda reflete muito o Brasil atual de 2020, um ato de truculência e

barbaridade exercido por agentes que deveriam estar defendendo o povo. No ano de 2008, o Exército estava nas ruas do Morro da Providência para garantir a execução do projeto “Cimento Social”:, “Plano de intervenção urbana de cunho assistencialista nomeado como “Melhoria habitacional em Áreas de Risco” (MELLO, 2019, p. 53), do então senador Marcelo Crivella. No começo do dia, três jovens, David Wilson Florêncio da Silva, Wellington Gonzaga da Costa Ferreira e Marcos Paulo Rodrigues Campos, voltavam de uma festa, desentendem-se com soldados do exército e esses soldados os levam para o morro inimigo, para lhes dar um “susto”. Os jovens são assassinados e esquartejados. A notícia da tragédia rodou o mundo. Em Paris, um artista chamado JR assiste às notícias regadas aos diversos estereótipos das favelas brasileiras, um morro “muito perigoso” etc. Acostumado a brincar com estigmas atribuídos a comunidades marginalizadas e estereótipos étnicos<sup>5</sup>, ele se sente inspirado a conhecer de perto o Morro da Providência. JR decide vir ao Brasil, para conhecer a então comunidade dita como uma das mais perigosas pela mídia, com seu projeto intitulado “Women are heroes” (Mulheres são heroínas). Para aqui sobre JR, para desenvolver melhor no próximo capítulo.

---

<sup>5</sup> Para a melhor compreensão, ver figura 10 e 11 no capítulo II.

Figura 4: Morro da Providência visto de longe por Bert Kohlgraf, 2010



Fonte: Revista Piauí.

## I.II. Teorias identitárias e o Morro da Providência

Me lembro de quando me deparei com essa intervenção do artista. Foi em 2010, me foi mostrada por um professor e me impactou de uma forma estrondosa. Carreguei essa intervenção e aqueles olhos comigo por muito tempo, sempre admirando-os. Finalmente, quando me pego pensando em sobre o que escrever no trabalho de conclusão de curso, penso nos olhos, me lembro do que senti, do que “simples” olhos poderiam transmitir, de como nunca esqueci o nome “Morro da Providência”. Eu queria escrever sobre algo de onde eu estou, mas de certa forma, também é sobre o lugar onde estou, a história do Morro da Providência remete ao Nordeste, em específico à Bahia e mais além, a parte da história remete às mulheres, as mulheres que contam sua história, isso também tem a ver comigo. Ademais, como poderia explicar a conexão entre os olhos e a sociologia? Tinha a ver com

estigma, tinha a ver com estima social, e como a arte poderia reverter ou nos fazer conscientes de estigmas. Seria então possível uma melhora na estima social, através da ação política, tendo a arte como política? Esta é a questão que norteia o meu trabalho.

Figura 5: Morro da Favela, Tarsila do Amaral, 1924



Fonte: Blog Vírus da Arte.

Tentarei agora fazer a conexão entre o meu objeto de estudo e a teoria sociológica sobre estigma, estima e identidade. Passarei, portanto, inicialmente por Goffman, entrando em Honneth, Stuart Hall e Charles Taylor. Goffman apresenta em seu livro *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, três tipos de estigma, os de deformidades do corpo, as que envolvem o caráter do indivíduo e, por fim, os de se ser de um determinado grupo (1988). Quando me refiro aqui nesse trabalho à estigma, falo, portanto, do último tipo classificado pelo autor. Assim: “estigmas tribais de raça, nação, religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (Goffman, 1988, p. 14). Ou seja, as pessoas que sofrem com esse tipo de estigma, podem sofrer por gerações. Goffman continua:

Em todos esses exemplos de estigma (...) encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção de outros atributos seus. (1988, p. 14).

O estigma, portanto, limita a vida do estigmatizado, é como se existissem lugares que se podem ir e lugares que não, ou seja, o estigmatizado é impedido de fluir, as delimitações são maiores em sua vida do que na vida dos que Goffman classifica como “normais”. Tendo em vista o que foi apresentado previamente sobre o Morro da Providência, sabendo-se que, além do estigma asfalto *versus* morro, a comunidade é fundada por possíveis nordestinos, uma comunidade que tem em grande parte pessoas negras e de baixa renda, vide dados apresentados nos gráficos e tabelas<sup>6</sup> que se seguem (figura 6, 7, 8 e 9; e tabela 1 e 2), tendo em vista também que muitas vezes esses empecilhos na vida dos estigmatizados são sutis e podem ser tidos como naturais, não quero tentar aqui fazer parecer que os habitantes das favelas são coitados, mas dar dados baseados na sociologia sobre grupos sociais que estão em desvantagem não por fazerem parte de um determinado grupo, mas da sociedade ser dada e controlada por uma hegemonia branca, rica e do sul/sudeste (contexto brasileiro).

Tento explicitar aqui as questões de identidade dentro da comunidade para, assim, conceitualizar com as teorias sociológicas. Voltando, somos uma sociedade que em sua fundação já mantinha uma relação desigual com a metrópole, que foi Portugal, onde esta ditava também regras sociais, baseadas em um eurocentrismo branco. A nossa concepção sobre as raças vem a partir desse olhar, sendo assim, se explica (não somente) na busca incessante por um embranquecimento, como *xs*<sup>7</sup> *negrxs* foram violentadxs (físicamente, culturalmente, simbolicamente) desde o início de sua história aqui (SCHWARCZ, 1993).

---

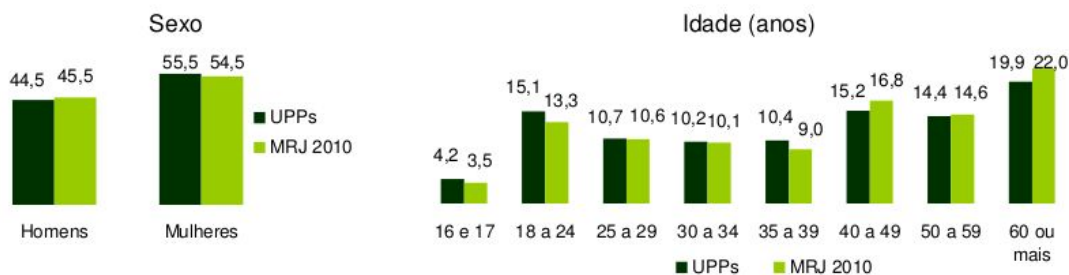
<sup>6</sup> Sobre os gráficos e tabelas apresentados aqui: foram extraídos do texto “Perfil sociodemográfico dos moradores de favelas com UPP na cidade do Rio de Janeiro, 2016” de Leonarda Musumeci. O Morro da Providência está localizado como comunidade do Centro nesse estudo conduzido pela autora. Segundo a autora: “As informações apresentadas a seguir derivam de respostas ao questionário aplicado pelo CEsEC, entre 8 de agosto e 25 de outubro de 2016, a uma amostra domiciliar aleatória de 2.479 pessoas com 16 anos ou mais de idade, estatisticamente representativa da população dessa faixa etária residente nos 37 territórios com UPP do município do Rio de Janeiro. O universo considerado – 777.506 homens e mulheres – corresponde a cerca de 15% da população carioca com 16 anos ou mais, segundo o último Censo do IBGE. A margem de erro amostral é de 4%, com nível de confiança de 95,5%”. Ela coloca as comunidades do Centro, junto com as da Zona Sul. As comunidades definidas por ela como Centro/Zona Sul são Chapéu Mangueira e Babilônia; Cerro-Corá e Guararapes; Coroa, Fallet e Fogueiro; Pavão-Pavãozinho e Cantagalo; Prazeres e Escondidinho; Providência; Rocinha; Santa Marta; Tabajaras e Cabritos; Vidigal e Chácara do Céu.

<sup>7</sup> X e xs são inseridos para não sugerir gênero.



O modo como também se esconde nas margens o que não é valorizado, as relações desiguais na questão da cidade, estão presentes desde o começo do que poderia se chamar de cidade, vem desse processo colonialista europeu <sup>8</sup>.

Figura 6: Distribuição por sexo e faixa etária da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade (%)



Fonte: MUSUMECI, 2016.

Damos uma pausa na discussão, para nos voltarmos à análise dos gráficos e tabelas. Na primeira figura, como nas figuras de gráficos seguintes, o verde claro representa o município do Rio de Janeiro (MRJ) e o verde escuro representa as comunidades com UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). Na figura 6, o número de homens é maior (45,5%) no MRJ do que nas UPPs, já o número de mulheres é maior (55,5%) nas UPPs do que na MRJ. Quanto à faixa etária, as comunidades com UPPs, não se diferenciam muito do MRJ, quando se compara a juventude (com exceção dos 18 aos 24, onde as UPPs têm porcentagem mais alta) e os adultos, estão muito próximos, a partir dos 40 anos, o MRJ possui a população maior.

<sup>8</sup> Comparação sobre a colonização e construção das cidades nas colônias portuguesas e espanholas em Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.

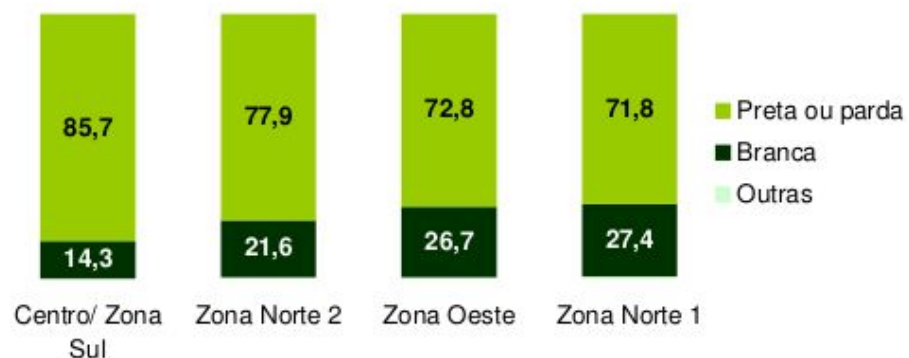
Figura 7: Distribuição da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade por raça/cor autodeclarada (%)



Fonte: MUSUMECI, 2016.

Na figura 7, é bem destacada a diferença da porcentagem de pessoas que se declaram brancas no MRJ (52,5%) e nas comunidades com UPPs (24,2%). As UPPs, por sua vez têm mais pessoas que se declaram pretas ou pardas (74,2%) que o MRJ (46,6%).

Figura 8: Distribuição da população das UPPs com 16 anos ou mais de idade por raça/cor autodeclarada, segundo localização (%)



Fonte: MUSUMECI, 2016.

Quando se observa somente, as comunidades com UPPs, em comparação entre si, as que mais têm pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas, são as do Centro/Zona Sul (85,7%), a comunidade estudada aqui é classificada por Musumeci, como uma comunidade do Centro/Zona Sul do Rio de Janeiro.

Tabela 1: Distribuição da população das UPPs com 16 anos ou mais de idade por posição na ocupação (%)

<b>Posição na ocupação</b>	<b>%</b>
Trabalhador(a) formal ou empregador(a)	26,6
Trabalhador(a) informal	25,5
Aposentado(a), pensionista ou afastado(a) por saúde	18,3
Desempregado(a)	13,3
Afazeres domésticos e outras ocupações não remuneradas	11,1
Estudante sem remuneração	4,6
Estagiário(a) remunerado(a) ou bolsista	0,4
Não respondeu	0,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MUSUMECI, 2016.

A tabela nos mostra, no geral que a porcentagem da população exercendo atividade remunerada é bem maior (81,9%) do que a de desempregados (13,3%), porém a próxima tabela nos mostra que tipo de atividade remunerada essas pessoas exercem.

Tabela 2: Ocupações mais frequentes da população ativa das UPP com 16 anos ou mais de idade (% dos que declararam ter ocupação remunerada)

Ocupações	%
Serviços diversos**	33,8
Vendedor(a)	10,3
Doméstico(a)	10,1
Pedreiro, pintor, carpinteiro, marceneiro, gasista, bombeiro hidráulico...	8,8
Comerciante, dono(a) de bar ou loja, microempreendedor(a)	5,2
Cabelereiro(a), barbeiro, manicure, esteticista	4,5
Atendente/recepcionista	3,8
Segurança, vigilante, vigia, bombeiro civil, salva-vidas	2,9
Administrador(a), gerente, chefe, supervisor(a), coordenador(a)	2,8
Mototaxista	2,5
Padeiro(a), confeitador(a), sushiman, doceiro(a), boleiro(a), salgadeiro(a)	2,5
Costureira	1,4
Outras ocupações***	11,5
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

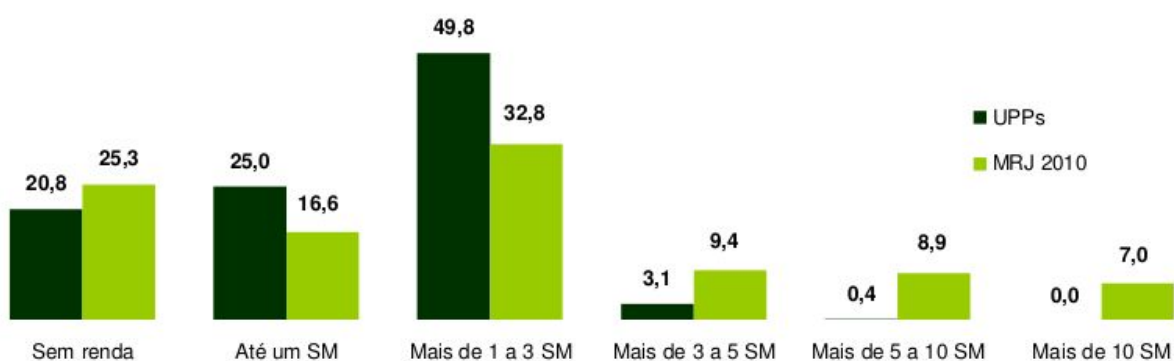
(\*) Agregação temática das respostas originais (pergunta aberta).

(\*\*) Garçom, camareira, barman, ascensorista, gari, serviços de limpeza, carregador, motorista, porteiro, entregador, boy, motoboy, cuidador(a), ajudante, frentista, panfletador(a), digitador(a), cobrador(a) etc.

(\*\*\*) Artesão(ã), ator(atriz), fotógrafo(a), músico, designer gráfico(a), montador, praça das FFAA, da PM ou do Corpo de Bombeiros, guarda municipal, jogador de futebol, mecânico etc.

Fonte: MUSUMECI, 2016.

Figura 9: Distribuição da população das UPPs e do município do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais de idade, por faixa de renda individual mensal média (%)\*



(\*) SM = Salário mínimo (Referências: 1 SM = R\$ 510,00 em 2010 e R\$ 880,00 em 2016)

Fonte: MUSUMECI, 2016.

Sobre a renda das comunidades com UPPs, o percentual das pessoas sem renda é menor (20,8%) que no MRJ (25,3%), porém, a porcentagem da população das UPPs se concentra na divisão de renda de um a três salários mínimos (74,8%), sendo somente uma parcela mínima dessa população (3,5%) que ganha de mais de três a dez salários mínimos e

ninguém ganha mais de dez. Enquanto no MRJ 25,3% da população ganha de mais três salários mínimos a mais de dez salários mínimos.

Voltemos à discussão teórica. Tendo passado por Goffman, que faz parte da base desse estudo, e ligeiramente por Lilia Schwarcz, passo a Honneth. A terceira forma de desrespeito, segundo Honneth, parece andar de par com o terceiro tipo de estigma identificado por Goffman. Para Honneth, esse terceiro tipo de desrespeito, a “ofensa” ou “degradação”, acarreta na perda de autoestima pessoal, “tira dos sujeitos atingidos toda a possibilidade de atribuir um valor social as suas próprias capacidades.” (HONNETH, 2003, p. 217). A autoestima parece ser algo que deveria pertencer ao indivíduo, como um título social; porém, lhe é tirada devido ao que o terceiro tipo de estigma conceitualizado por Goffman. Como alguém pode ser bom em algo, mas ser desqualificado por outros, por coisas que não dizem respeito à qualidade do que é feito, mas de quem o faz, como um bom trabalho desempenhado por mulheres, mas desqualificado, pelo simples fato dela ser mulher. É repetitivo falar, mas, onde quero chegar é que, em uma sociedade classista, racista, xenofóbica, a comunidade aqui estudada carrega estigmas que colocam os seus membros em lugares de “rebaixamento”, sem qualquer explicação, além de um molde criado por uma classe dominante. O que os leva ao descrédito em si, não por falta de desempenho, mas por toda uma mecânica social, criada para os levarem a crer assim.

Portanto, poderia a arte desempenhar um papel que tira essas pessoas desse lugar de descrédito em si? Descrédito em si, no sentido da estima<sup>9</sup>. Quanto aos grupos sociais inseridos dentro da Providência, sofrem com os três tipos de desrespeito discutidos por Honneth: o desrespeito do corpo que mexe com a autoconfiança – a morte dos meninos prova isso –; o desrespeito que rebaixa os que estão estruturalmente despossuídos de certos direitos – a remoção dos moradores, sem diálogo, serve de exemplo, a não prisão dos assassinos dos meninos também; e o último, que tem a ver com a degradação e ofensa. Todos esses tipos de desrespeito têm a ver com a identidade do indivíduo, mas esse em específico, é o mais colado com a identidade, é o desrespeito pessoal que diz o que a pessoa é, o desrespeito ocasionado por se ser negra, mulher, periférica. No primeiro caso de desrespeito, é como se fossem liberados os abusos ao corpo ao se depender da identidade, no segundo se ignora os direitos, e o terceiro é o desrespeito ao ser por inteiro.

---

<sup>9</sup> Conceito pode ser visto no capítulo VI de *Luta por Reconhecimento* de Axel Honneth (2003).

Ainda segundo Honneth, quando essas experiências de desrespeito social criam um *link* que liga a experiência pessoal com algo vivido por um grupo de pessoas, isso pode se desenvolver para uma luta social<sup>10</sup>, essa luta social pode tirar os indivíduos imbuídos de uma paralisia causada pelos desrespeitos vividos, e os iniciar em uma ação política. Essa ação política, aqui nesse trabalho, seria dada na forma de uma intervenção artística de cunho político. Como se a ação política, nesse caso, fosse a intervenção, como se o projeto do artista representasse para as mulheres uma reação ao que havia acontecido ali e aquilo que havia acontecido ali, fosse algo simbólico de toda a violência vivida diariamente – não a violência “interna”, mas a violência estatal, a truculência policial etc. Como se a morte dos meninos representasse todas as tragédias vividas antes e a arte fosse uma resposta, e como se nessa arte houvesse a possibilidade de questionar o seu auto valor. Teria essa intervenção esse poder?

Entrarei agora nos debates levantados por Stuart Hall e Charles Taylor, considerando-os importantes para a conceitualização do ser reconhecido quanto às comunidades invisibilizadas e estigmatizadas (o que não é visto e o que se distorce ao ser visto). Stuart Hall (2003) relata sobre a questão da identidade em uma sociedade multicultural, a inglesa, dos dias atuais. Apesar de falar de uma sociedade tão longe, geograficamente, da brasileira, pode se trazer para o estudo aqui desenvolvido. O autor nos fala bastante sobre como vivem, ou até sobrevivem as comunidades afro-caribenhas e comunidades asiáticas dentro da sociedade inglesa, levanta pontos interessantes quando fala dos imigrantes e das gerações seguintes dos primeiros migrantes, das suas transformações e agregações da cultura local e de mecanismos adotados por esses para manter sua cultura. Trazendo para nossa realidade, é isto que muitas comunidades marginalizadas<sup>11</sup> têm tentado fazer, manter viva sua tradição, seja ela com relação às suas cidades natais ou com a cultura de seus antepassados, ou o fato de simplesmente se orgulhar de se ser de onde se é.

Assim como os negros afro-caribenhos na Inglaterra, a questão da raça, e a identidade construída ao redor dela, se trata de uma construção político social para afirmar uma cultura. Para a nossa realidade, o fato de se construir uma questão política em volta da

---

<sup>10</sup> Para o conceito de luta social, buscar em “*Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos*”, Axel Honneth (2003).

<sup>11</sup> Colocada às margens da sociedade espacialmente, por vezes, e socialmente.

identidade do morador periférico representaria o mesmo. É um dos pontos mais interessantes e instigantes (para mim) é quando Hall nos fala ainda sobre o fenômeno de “como toda essa gente chegou aqui?”. Hall descreve toda a trajetória migratória dos imigrantes e de como tudo começou e sem surpresa, com o imperialismo. É como se o caminho não só no Morro da Providência, mas em outras favelas, fosse parecido, não por conta do imperialismo, mas por outras formas de dominação.

Quanto à questão da sociedade que Hall estuda, se gabar em ser cosmopolita<sup>12</sup>, porém não garantir acesso a direitos que garantam a existência dos diversos universos culturais que coabitam juntos, mas usar essa diferença como mera propaganda, no sentido da diversidade no âmbito do entretenimento, como “temos comidas de todos os lugares do mundo, festas multiculturais, produtos do mundo inteiro, costumes multiculturais etc”, desfrutam do que é divertido de outras culturas, mas não abrem os espaços para os que fazem a comunidade cosmopolita. É algo também visto na sociedade brasileira como um todo, a questão de ser uma sociedade com ancestralidade em culturas diversas, e em específico, no Rio de Janeiro, a celebração das comunidades, como um lugar de história que remonta os tempos iniciais, porém não garantir a integridade física e de existência como um todo dessas comunidades. Ao que cabe ao entretenimento, sim, mas quando se trata de garantia de direitos, de visibilidade na mídia e entretenimento (sem os estereótipos que já estão até repetitivos), não. Quase como uma propaganda das políticas liberais que vendem o diferente, mas não assumem os custos do ser diferente, em uma comunidade que pauta um “ser britânico” na sociedade da qual Hall fala e no que significa ser brasileiro e carioca para a gente. Ainda em Hall, sobre a globalização que globaliza uma cultura que não remete, ainda mais no entretenimento, à diversidade de culturas, mas uma cultura que remete a padrões dos brancos estadunidenses (vindo dos Estados Unidos da América).

Ainda no tocante às identidades, no início de seu texto *A política de reconhecimento*, Taylor (1998) discorre sobre a identidade, contando-nos sobre como essa identidade é a maneira como a pessoa se define, e como essa definição se forma a partir do reconhecimento, não somente, mas também. Essa identidade se forma a partir do reconhecimento, por sua ausência, ou pelo reconhecimento incorreto, os sujeitos não reconhecidos ou que têm esse reconhecimento distorcido, podem sofrer grandes danos, sentindo-se inferiores ou ter uma imagem autodepreciativa. O não reconhecimento ou sua

---

<sup>12</sup> Uma cidade com pessoas do mundo todo.

distorção configuram, portanto, uma agressão. A imposição do senso de autodepreciação nos grupos sociais é uma das armas mais poderosa dos opressores.

Mais à frente, o autor trata da noção de honra *versus* –a noção de dignidade. Passa-se de uma sociedade da honra para uma de dignidade, não é mais justo que alguém se destaque por conta de hierarquia sociais. A noção de dignidade é universal e igualitária, esta pressupõe que somos todos iguais, com direitos e privilégios iguais, pressupostos de uma democracia liberal que se esquece da diferença. O autor fala do surgimento do conceito de identidade individual, citando Lionel Trilling, ao que se entende, que não só o sujeito público é importante, mas o indivíduo em si, em si no sentido de estar consigo, o indivíduo individual, o ser honesto consigo (Rousseau), se torna importante. Ele desenvolve o debate e chega ao ponto da política de igual dignidade *versus* a política da diferença. Parece que o autor apoia esta última, tendo em vista que a primeira ignora as especificidades de diferentes culturas, grupos etc.

O autor está falando da sociedade onde nasceu e cresceu, o Canadá, do dilema do bilinguismo do país. A política de diferença daria possibilidade de a cultura francesa sobreviver no país, sendo a minoria dos habitantes falantes do francês. A política de igual dignidade é um ideal nacionalista que quer que todos ignorem suas diferenças em nome de uma sociedade utópica que constrói um tipo ideal de cidadão, a política de diferença, reconhece as diferenças, reconhece que não somos iguais e nos dá as condições para o bem viver dentro de uma sociedade de pessoas diferentes. O tema igualmente discorrido a respeito de Hall poderia ser transferido para o que está sendo estudado nesse trabalho de conclusão.

Outro ponto importante desenvolvido por Taylor é a questão de como a identidade se constrói de forma dialógica, ou seja, existe o eu, e esse eu que troca com outros e desse diálogo, se forma a identidade, se não existe o reconhecimento de todos os grupos e suas especificidades, esse diálogo é desigual, o reconhecimento gera estima, a estima me faz sentir digno, ou pelo menos, existente. O reconhecimento é algo básico para uma sociedade justa.

Coloquemos Hall e Taylor em perspectiva. Tanto Hall quanto Taylor parecem concordar quanto à falha da democracia liberal em afirmar que somos todos iguais - não, não somos. E aqui também a falha de não reconhecermos as diferenças dentro da sociedade brasileira, no vulgo senso comum, essa questão de somos todos iguais, da não existência de



racismo por sermos todos descendentes de negros, índios e portugueses, o racismo velado que se esconde por trás do ser brasileiro. Hall destaca para as diversas dificuldades dos cidadãos imigrantes e descendentes de imigrantes, dentro da sociedade britânica que prega um ideal nacionalista que somente quer fazer com que a cultura destes seja apagada ou adormecida, para que a assimilação seja completa, o movimento me parece o mesmo por aqui. Ou o exemplo já citado de Taylor, sobre o Canadá falante de francês. O não reconhecimento do diferente, faz com que o diferente sinta que não existe, ou o reconhecimento distorcido, faz o sentir errado, dentro de seu lugar. As sociedades multiculturais existem e seus indivíduos precisam ser reconhecidos de forma igual, para que essa igualdade exista, precisa que se reconheça a diferença. Os afro-caribenhos existem, eles chegam à sociedade britânica no século XVI; quando serão reconhecidos como parte do ser britânico? Xs negrXs, xs índixs, as comunidades tradicionais fazem parte do ser brasileiro, quando também serão festejadas e finalmente admitidas dentro do ser brasileiro? Quando admitiremos a diferença, lidaremos então com ela para a formação de uma sociedade justa?

A política da diferença de Taylor se relaciona com os relatos de Hall, quando este nos fala dos afro-caribenhos e comunidades asiáticas. Hall dá exemplo das diferenças de trabalho e estudo, para imigrantes/filhos de imigrantes e dos “naturais” do Reino Unido. Os imigrantes têm direito de estar ali. Dado o histórico da Inglaterra, a política da diferença faz com que seja mais fácil para estes imigrantes não só sobreviverem, mas viverem. Também se reconhece que os filhos de imigrantes não são iguais a seus pais, admite-se que eles têm outra cultura/vivem outra cultura e que vivem (agora) uma diferente, um indivíduo universal. O que, trazendo para uma realidade nossa, nas questões de trabalho mostradas em gráficos aqui e nas diferenças de realidade pautadas nas diferenças identitárias e na classe que se passam de geração para geração, o que políticas afirmativas tentariam consertar. A formação dialógica de Taylor entra aqui também, no sentido de que se a sociedade se formasse de forma dialógica, admitindo a diferença, seria uma sociedade justa. Uma sociedade multicultural se forma de diversas culturas, este é o Canadá do qual Taylor fala e nesta também se encaixa a Inglaterra de Hall, e o Brasil, porém as minorias culturais estão sendo forçadas em moldes, alienando-se de sua cultura, a construção destas sociedades não está sendo dialógica, mas hegemônica, e por fim alienando-se de si, no sentido de que aos moldes da cultura festejada da sociedade multicultural brasileira, mas

que não admite os efeitos da multiculturalidade, força uma padronização, estigmatizando diversos grupos sociais, ficam assim “de fora”.

A cultura visual, a imagem, se tornaram campos de disputa política. A arte é política. O corpo no mundo é político, sua presença nos espaços e espaços midiáticos de grande disseminação é político. Pretendo pensar algo nesse sentido, do reconhecimento do diferente, dentro da esfera da arte e da política, sendo a arte política, agente de mudança.

Como já foi salientado, rapidamente em uma passagem desse capítulo, se supõe, nesse estudo, que a arte pode colocar em foco pessoas que não são vistas, no sentido da vida – invisibilizadas, e no sentido midiático, da não representação não caricata ou distorcida. No caso específico da intervenção aqui estudada, o fato de se fotografar mulheres periféricas, é um ato político em si, a imagem dessas mulheres, por si só já é carregada de significado. Poderia, portanto, a intervenção servir como um resgate da estima, para essa mulheres?

## Capítulo II – O artista, a arte e seu dispositivo político

### II.I. Reflexões sobre a relação entre sociologia e arte

O que a arte tem a dizer sobre as favelas? Qual a representação dos problemas da favela pelas artes? O que é pretendido neste capítulo é dissertar sobre –a representação social que a arte pode oferecer, e sobre os impactos da arte na sociedade, especificamente sobre a intervenção de JR, "Women are heroes" (2008), no Rio de Janeiro, Morro da Providência. A arte como capacidade representativa, mas também ousando pensá-la como dispositivo de mudanças, colocando-a em perspectiva com as ciências sociais. Basicamente, o estudo das ciências sociais, com suas teorias e a arte como prática.

No capítulo anterior discorri sobre o Morro da Providência, sua história, seu encontro com JR, aliando isso a uma discussão teórica sobre estigma, estima e identidade. Passo agora a apresentar o artista, sua intervenção e teorias sociológicas, políticas e antropológicas sobre a arte política.

Admito que, na condição de artista, senti por muito tempo que era muito difícil estar dentro das ciências sociais, achava um trabalho altamente teórico e por vezes cansativo, me parecia imaginativo, mas não criativo. Por vezes sentia como se nada daquelas teorias pudesse ser concreto, era como uma chuva de ideias, instigantes, mas que nunca conseguiam ser passadas para a prática. Finalmente, cruzei meu caminho com o livro de Becker, *Falando da sociedade* (2009). Foi meu primeiro passo para o início desse estudo, a investigação começou após a leitura dele. Becker fala sobre os outros modos de se falar sobre a sociedade e como os diversos tipos de artes fariam esse trabalho, tirando um monopólio das ciências sociais. Isso era provocativo, acredito nisso, por isso uso essa intervenção aqui para falar sobre algo que poderia ter explorado de outra forma, estritamente teórica. Outra experiência foi muito importante, para persistir nessa ideia de estudar uma intervenção artística e acreditar no seu valor sociológico, sendo esta o projeto de extensão: "Cinema Francófono: estética, poder e relações interculturais", no qual acreditava-se que o cinema seria um dispositivo para gerar discussões sociológicas e políticas, com foco em estudantes de ensino médio, mas aberto para o público em geral.

Essa experiência me fez ver as capacidades da arte em associação com as ciências sociais, me rendeu ver minha mãe, de 70 anos, fazer uma análise crítica de Jean-Luc Godard em paralelo a Bacurau.

O trabalho reflexivo do cientista social é árduo e complexo e tudo bem que o seja, mas as pessoas não têm que compreender nosso pensamento por vezes altamente elíptico e não acessível. A arte parece suspender o tempo e simplificar coisas de difícil compreensão; as vezes, ao falar da mesma coisa, parece fazer a mensagem ser melhor entendida. Não estou aqui falando do que é melhor ou pior, mas defendo que a arte deveria ser uma aliada das ciências sociais. Escrevo isso para justificar o trabalho.

## **II.II. Do pixo ao lambe-lambe, a arte questionadora de JR**

Chego finalmente no artista. Não é que a intervenção de JR fale sobre a favela como categoria habitacional, dos seus problemas no geral – disso ele fala em um outro vídeo explicando os efeitos do projeto. Ele fala de algo que já nos é comum de ouvir, ainda mais no atual governo estadual do Rio de Janeiro. Abuso de poder policial. Bem é assim que ele chega ao conhecimento do Morro da Providência e é assim que começa sua história com o lugar, como falado no primeiro capítulo. A descrição do projeto "Women are heroes" como no site de JR:

Mulheres têm um papel essencial na sociedade, mas, viajando por zonas de conflito, JR percebe que elas são as vítimas primárias da guerra, crime, estupro e fanatismo político ou religioso. A intenção de JR com o projeto Women are Heroes era de salientar o papel essencial das mulheres na sociedade e ressaltar a dignidade delas as fotografando no seu dia-a-dia e colar suas fotografias em lugares que fariam sentido – nas suas vilas, em cidades próximas, ou do outro lado do mundo. JR pergunta as mulheres se elas querem fazer uma careta.<sup>13</sup>

JR<sup>14</sup> é um pseudônimo para o artista que começou com pixações nas ruas de Paris aos 15 anos; após encontrar uma câmera no metrô, ele mudou a direção da sua arte. No começo, fotografava seus amigos e devolvia em fotografia de tamanho A4, depois foi desenvolvendo mais seu trabalho com as fotografias, começou a colá-las nas ruas, iniciou

---

<sup>13</sup> Esse texto encontra-se em inglês no site de JR, na seção do projeto aqui pesquisado, o texto foi traduzido por mim.

<sup>14</sup> Se sabe pouco sobre sua vida pessoal, quase como um Banksy.

algo que ele chama de *expo de rue*<sup>15</sup>, colava as fotos e as emoldurava com tinta para não serem confundidas com propagandas. A cidade proporciona para JR um espaço para expor suas artes sem ter que passar por curadores de galerias que decidiram se sua arte era boa ou não, o julgamento sobre a qualidade do seu trabalho ficava entre ele e o público da rua, "diretamente". Hoje JR é conhecido mundialmente por sua arte em wheatpaste<sup>16</sup>. Sua primeira grande intervenção acontece em 2005, quando após protestos no Le Bosquet, jovens queimam carros, quebram coisas, confrontam policiais e bombeiros, são pintados pela mídia como monstros. JR já conhecia a comunidade, volta lá, tira fotos desses “caras” que a mídia estava pintando como monstros, e os pede para fazerem caretas, cara de mal, assumindo o papel do estereótipo (figura 10) disseminado pela mídia, fazendo piada desta. As fotos são coladas na área nobre (*bourgeoises area*) de Paris com o nome, idade e até número do prédio dessas pessoas. Torna as imagens distorcidas pela mídia em algo daqueles homens e meninos.<sup>17</sup>

Em 2007, o artista decide ir ao Oriente Médio com seu amigo Marco, após ouvir sobre os conflitos entre Palestina e Israel, para descobrir quem eram os palestinos e os israelenses. JR costuma conversar, entender a situação diretamente das pessoas. Dessa diferença entre Palestina e Israel destacada pela mídia, ele descobre falando com as pessoas que as coisas são um pouco diferentes. JR tira então fotos de israelenses e palestinos com a mesma profissão fazendo diversas expressões, eles seriam colados um ao lado do outro, israelenses e palestinos, no dois lados do muro<sup>18</sup> que os separam. As pessoas convidadas aceitaram ser fotografadas. Após a colagem dos lambe-lambes, os artistas quando indagados sobre o que estavam fazendo ali, falavam da proposta do projeto, as pessoas (palestinos ou israelenses) ficavam indignadas. Perguntava-se ao público se conseguiam distinguir quem seria quem entre israelenses e palestinos. Na maioria das vezes as pessoas não sabiam. Face2Face é a maior exposição de arte ilegal do mundo (figura 11).

Agora entraremos no “Women are Heroes”, feito no Morro da Providência. A descrição que se segue é uma mistura de relatos do artista em palestra para o TED Talks em 2011, o relato dele sobre o projeto que está em seu site e entrevistas feitas por mim com

---

<sup>15</sup> Galeria de rua.

<sup>16</sup> Posters lambe-lambe

<sup>17</sup> Informações retiradas da palestra do artista para o TED Talks, “My wish: Use art to change the world.”

<sup>18</sup> Parede de separação da Palestina e Israel. 8 metros de altura, 721 km de extensão. Foi construído em 2004.

as mulheres da Providência que participaram do projeto. O que não for indicado que é entrevista, é, portanto, relato do próprio artista.

Figura 10: Projeto de JR, Portrait of a Generation, 2005



Fonte: Site do JR.

Figura 11: Intervenção do JR no Muro de Separação, lado palestino, 2007



Fonte: Site do JR

Em 2008, JR está em Paris e vê no noticiário uma matéria que dizia que três meninos tinham sido parados pela polícia, pediram seus documentos, pediram para levantar a camisa, coisas do tipo, acontece um desentendimento entre soldados que estavam ali encarregados da execução do “Cimento Social” no Morro da Providência e os garotos, esses soldados levam os meninos para a delegacia e depois os entregam no Morro da Mineira, onde tinha a facção inimiga do Morro da Providência. Os jovens são mortos, esquartejados e jogados em um lixão. JR, que já queria fazer um trabalho nas favelas do Brasil, decide vir ao Rio de Janeiro e pede a ajuda de um amigo que morava lá. A Providência não tinha ONGs (Organizações Não Governamentais), associação de moradores ou qualquer coisa do tipo (segundo o artista)<sup>49</sup>. Para se estabelecer uma comunicação antes de chegar. Ele afirma que tentou mesmo assim. Ele comenta sobre olhar um mapa e esse mapa não indicar que havia um morro ali, só as ruas próximas, mas o mapa não indicava o morro em si, ele comenta como isso indicaria que pessoas não morariam no local, quase como uma negligência, algo parecido foi falado aqui no primeiro capítulo.

<sup>49</sup> Women are heroes, Brazil – 2008-2009, vídeo do site do JR.

Segundo JR, em um vídeo sobre o projeto, seu primeiro contato foi com uma moradora na base do morro, Dona Rosiete. Ela pergunta o que ele faz ali e ele diz sobre seu projeto. Ela diz para ele que aquilo seria interessante, que a comunidade precisava de cultura, pede para ele voltar no dia seguinte só com um livro, sem mochilas ou outros objetos. Ele volta no dia seguinte. Quando mostra o livro do que tinha feito em outros países, ela acha interessante e o indica para falar com Maurício Hora, o fotógrafo local, que sabia tudo sobre a Providência, seria interessante eles se conhecerem. Quando eles se conhecem, e JR mostra o que queria desenvolver para Maurício, este diz que seria impossível desenvolver aquilo ali, conta sobre a história de sua vida, JR fica grato pela história e pede para voltar no dia seguinte. Tira uma foto da comunidade e vai embora.

No dia seguinte ele volta com uma montagem, a comunidade já com as fotos coladas, Maurício se impressiona. Eles vão de casa em casa perguntando se podem colar as fotos no lado externo das casas e os moradores autorizam, agora ele volta para D.R e pergunta se ela pode convocar mulheres que queriam falar. Todas as mulheres que aparecem tinham uma relação com David, Wellington e Marcos Paulo, os meninos assassinados, a mãe, a melhor amiga, a irmã, elas queriam gritar a história, ele não perguntava nada, elas simplesmente dividiam, segundo o artista – enquanto a entrevista era feita, as fotos eram tiradas, assim me pareceu. O artista usou uma lente de 28 milímetros para as fotos. Em entrevista, uma das participantes descreve como foi o projeto:

*Ele perguntava como que era a nossa história, lá no morro, como que é. Ele queria saber, pra cada mulher que ele entrevistou pra poder fazer o livro, no projeto e tal. Ele pegou e procurou saber cada história, de cada mulher que mora ali, sabe? Que é nascida, que é criada. Ou então que veio de um lugar e acabou morando ali, mora ali há anos, entendeu? Então foi uma coisa bem legal assim, eu gostei muito de fazer parte. Eu fui uma das primeiras a ser entrevistada, até porque a entrevista aconteceu na laje da minha casa, entendeu? Eu acordei de manhã e quando eu fui ver, tinha uma equipe com fotógrafo, com microfones e tal, eu achei até que era o negócio de... (áudio corta) (T.M, 27 anos, entrevista realizada em 2020).*

Depois das fotos tiradas, ele as enviou para amigos na França e eles então as trouxeram impressas no dia seguinte para o Rio. A primeira foto colada foi uma experiência para o artista, ele tinha tirado foto das crianças no primeiro dia e decidiu colar (figura 8). No dia seguinte, ele diz que o lambe-lambe já estava rasgado, mas que isso não mexia com ele de um jeito ruim, seu desejo é que a arte pertencesse à comunidade, podendo, portanto, fazer com ela o que bem entendessem. Depois disso, a primeira foto a ser colada foi a da avó de um dos meninos (figura 9), na principal escadaria da comunidade, sem permissão dos traficantes. O artista estava acompanhado por moradores,



essa colagem só conseguia ser vista de dentro da comunidade, impossível de ser vista da cidade. Duas horas depois, começa um tiroteio entre traficantes e policiais, forçando JR e equipe a continuarem apenas no dia seguinte. Após o lambe-lambe completo na escadaria, o artista diz que as pessoas começam a entender sobre o que era o projeto.

Figura 12: Ação do JR com Crianças no Morro da Providência, 2008



Fonte: Site do JR.

Figura 13: “Women are Heroes” na escadaria do Morro da Providência, 2008



Fonte: Site do JR.

Alguém organizou para que o artista se encontrasse com os traficantes, para explicar o que era o projeto. Eles pareciam não entender do que se tratava, o artista precisava pedir autorização para continuar:

E eu estava lá com Lodge que veio comigo para filmar o projeto e para registrar o projeto, então pegamos nosso computador para mostrar o que já tínhamos feito em Paris e o projeto do Oriente Médio, mas os caras não se interessavam: ‘Esse lugar que você está me mostrando em Paris parece um bairro rico, e Israel e Palestina? Nunca ouvi falar.’ Eles tinham referências completamente diferentes das que nós tínhamos. Então não conseguia achar pontos que nos conectassem. E me perguntaram: ‘Por que você tá fazendo isso?’ e eu disse: ‘Estou fazendo esse projeto e eu já passei por outros países, em Serra Leoa e na Libéria, é sobre mulheres em zonas de conflito.’ Eles disseram: ‘Qual o propósito disso?’ e eu disse: ‘É para mostrar as pessoas diretamente, mas não tem nenhuma mensagem, não somos patrocinados por nenhuma marca, se vocês não gostarem, podemos retirar. Não tem ninguém por trás disso, a não ser nós mesmos.’ E então eles disseram: ‘O que isso muda na nossa vida? Para nossa comunidade?’ e eu disse: ‘Não sei, isso vai mostrar uma perspectiva diferente do que o que a mídia está mostrando, que é sempre sobre as pessoas que morrem todos os dias por conta do crime e noventa por cento das pessoas que eu vejo aqui estão trabalhando duro para viver, para criar seus filhos e eu entendo passando esses dois, três dias aqui que existe uma realidade além do que é mostrado.’ Eles nunca disseram sim ou não. (JR, 2008).

O artista contava com a ajuda de amigos e com a comunidade para colar os lambe-lambes – todas as fotos eram em preto e branco. Colaram então, casa a casa; não eram permitidos de gravar, para documentação, mas podiam tirar fotos – sem armas, o que o artista disse não se interessar, pois isso era tudo que sempre saía na mídia, as armas. Devido à proibição de filmagem, o filme da Providência foi feito no estilo *time lapse*. O projeto inteiro levou vinte e quatro dias para ficar pronto, lambe-lambes pela comunidade inteira. Isso foi muito mais tempo do que JR tivera passado em qualquer outro lugar, ele nunca demorava muito em um lugar, por medo de ser pego pela polícia. Ali, ele diz que era outra dinâmica.

Com os posters lambe-lambe colados (figuras 14, 15, 16, 17), segundo JR, as pessoas da cidade começam a se perguntar, o que eram aqueles olhos que encaravam a cidade. Um helicóptero filmava de longe e colocava um número da TV e pedia sobre informações sobre o que era aquilo. JR diz querer criar essa ponte entre a mídia e as mulheres, vai embora e faz esse passe. A mídia que afirmava que essa favela era “tão perigosa” teria que ir lá, saber diretamente das mulheres do que se tratava o projeto, sem intermediação do artista. A ideia era transformar o projeto em algo delas a partir de suas representações.

Figura 14: Intervenção do JR, Morro da Providência, 2008



Fonte: Site do JR.

Segundo o site do artista:

Ao fim de cada projeto, um livro foi feito e distribuído para as participantes. Em 2010, um filme sobre o projeto fez parte da Seleção Oficial do Festival de Filmes de Cannes. As participantes sempre pediam para que JR fizesse com que suas histórias viajassem – como um modo de dar voz ao que tinha ocorrido com elas e de dizer ao mundo que elas existiam. Elas sabiam que fazer uma careta era algo universal que seria entendido na Europa, ou nos Estados Unidos, tanto quanto em suas comunidades. *Women are heroes* foi finalizado em 2014, quando 2.600 tiras de papel foram coladas em 10 dias em um navio de contêineres no Le Havre, França, com a ajuda de estivadores no porto. O navio então viajou pelo globo até a Malásia.

Figura 15: Os olhos da intervenção do artista de perto, Morro da Providência, 2008



Fonte: Site do JR.

Figura 16: As luzes do Morro da Providência e “Women are Heroes”, 2008



Fonte: Site do JR

## **II.III. A capacidade da arte em falar do social e seu dispositivo político**

Vejo que JR, ao colar essas fotografias, é como se dissesse que essas mulheres existem, que essas pessoas existem. Isso é um aspecto muito interessante sobre seu trabalho. Volto a Becker, que afirma:

Com bastante frequência, algumas pessoas não se encaixam bem nesses mundos organizados de produtores e usuários. Esses experimentadores e inovadores não fazem as coisas como são usualmente feitas, e por isso suas obras podem não ter muitos usuários. Mas as soluções que dão para problemas comuns nos dizem muito e abrem nossos olhos para possibilidades que uma prática mais convencional não vê. (2009, p.11).

A citação me faz pensar no que JR fez. Literalmente, olhos de pessoas invisibilizadas que olham a cidade, como quase indagando, vão continuar sem nos ver? Coloquemos em perspectiva, uma notícia conta sobre algo – aconteceu isso em tal lugar, com tal pessoa, de tal maneira etc... A ciência vai fazer um estudo sobre porquê essas coisas acontecem, a origem de como tudo começou, como se propaga, seus efeitos. O processo de investigação pode envolver as pessoas, no caso de uma etnografia. Porém, o modo como JR fez sua intervenção envolveu as pessoas de uma maneira diferente. Elas foram propagadoras de algo e, como mais além vou discutir, há um retorno do artista na forma de um centro cultural para a comunidade.

É como se, claro, um estudo pudesse trazer grandes benefícios, pois é conduzido de um jeito embasado. Mas o jeito que essa intervenção engajou as pessoas é diferente de uma notícia ou um estudo, o que é exemplificado pelas entrevistas com as mulheres concedidas para esse meu trabalho sobre como foi a participação no projeto para elas, a ser visto no capítulo seguinte. Baseando-me ainda em Becker (2009), muitas vezes é mais fácil demonstrar certas coisas, por vias não tão burocráticas como as ciências, não estou aqui desconsiderando, mas estou falando de acesso. A arte pode, e foi nesse caso estudado, algo mais acessível que chegar com, por exemplo, tabelas demonstrando as taxas de violência ali; a comunidade já sabe disso; fazer parte de algo, no momento, era mais importante. É como transformar em imagem toda uma realidade. Torna-se o processo de transmissão da experiência lúdico e por isso mais apreensível – e, gostaria de dizer, inspirador. Além dessa arte estar em um espaço público, claro, virou livro, virou filme, porém, a arte que era

efêmera, por se tratar de papel e cola, estava ali, no meio de uma comunidade, ao acesso de quem quisesse olhar.

Figura 17: Os olhos da Providência, “Women are Heroes”, 2008



Fonte: Site do JR.

O que me volta para outra parte importante desse estudo, a saber, o dispositivo político que essa arte pode representar. Eu considero que a arte de JR é política, por ser provocativa e indagar entre linhas a importância daquelas mulheres. Trata-se de um ato político colar fotos de mulheres periféricas, olhando para a cidade. Nesse simples ato se tem várias simbologias. O gesto acusa a importante dissonância de tantas cidades brasileiras, em especial o Rio de Janeiro, a dissonância entre morro e asfalto, entre tantas outras, como a dissonância homem/mulher, numa "simples" foto. Questiona o lugar, a visibilidade. É uma arte que pede movimento, do estar assim, para mudar para estar de outro modo. Exemplifico o que acabei de descrever colocando o que diria Chantal Mouffe (2013) sobre a arte política: "Na perspectiva da teoria hegemônica, práticas artísticas desempenham um papel na constituição e manutenção de uma determinada ordem simbólica, desafiando-a, e é por isso que possuem necessariamente uma dimensão política." E continua:

De acordo com a abordagem agonística, arte crítica promove dissidência: torna visível o que o consenso dominante tende a obscurecer e obliterar. Não acho, entretanto, que arte crítica consiste apenas em manifestações de recusa, que devem ser a expressão de uma absoluta negação, um testemunho do “intratável” e “irrepresentável”. (MOUFFE, 2013, p.190).

Eu pensei a arte de JR como a arte crítica descrita por Mouffe, na sua intenção de mostrar o que não era visto, ou de mostrar de fato o que era visto de maneira distorcida. Tem ainda algo talvez mais profundo contido no que Mouffe discorre, que eu acredito que essa intervenção de JR teria a capacidade de fazer: é a questão da arte crítica ter a capacidade de construir um espaço público para a concepção da própria arte crítica. Trata-se de certas práticas artísticas que teriam a capacidade de criar espaços para que o efeito da própria arte política tivesse os devidos resultados, como se a arte atravessasse de modo certo e formasse seu público. Portanto, o que JR poderia fazer com sua arte era criar um espaço que fosse fértil para o que sua arte vem denunciar.

Mas, mais além do que a arte em si, acredito que esse espaço pode ter sido criado pelo artista, quando ele, no que chamarei de restituição (RIAL, 2014), cria um centro cultural, a Casa Amarela na comunidade. Discuto esse ponto no próximo capítulo.



### **Capítulo III - “Women are heroes” pelos olhos das mulheres da Providência**

Chegamos aos dados coletados e de como a pesquisa se deu. Bem, meu objetivo era tentar identificar com o estudo se seria possível uma restituição da identidade deteriorada por meio da arte. A identidade deteriorada na minha compreensão do que Goffman fala, seria a existência de certos grupos sociais formados por indivíduos que por alguma razão são estigmatizados. Goffman descreve três tipos de estigma. Aqui, tratamos do estigma que se dá por se fazer parte de um determinado grupo. Em detrimento da história, os negros no nosso país foram e ainda são discriminados, por consequência de uma herança de uma mentalidade escravocrata, de diminuição de um grupo em relação à sua cor. Em seu fundamento, as favelas também estiveram ligadas com a história dos negros, principalmente no Rio de Janeiro, sendo essa categoria habitacional o lugar onde os ex-escravizados se refugiaram, uma vez que o Estado não prestou nenhum tipo de serviço depois de toda injustiça cometida.

Tendo tratado aqui de uma comunidade que além dos estigmas do lugar onde se habita, o “morro” e de sua comunidade negra, além, de outras minorias – de poder, não de tamanho. Sabendo das teorias relacionadas a identidade tratadas em capítulos anteriores, resulta na compreensão de que o fazer parte da população de uma comunidade estigmatizada, implica um efeito deteriorador na identidade, no sentido da estima, da questão do não ser visto ou reconhecido. Fazendo com que o indivíduo se sinta menos, pois a sociedade se baseia em uma via de mão dupla, de reconhecer e ser reconhecido.

O que é investigado neste trabalho é a possibilidade da arte; reverter esses efeitos, causados pelo estigma na autoestima dos indivíduos de um determinado grupo. A questão é se o fato de ser visto – no caso dessa pesquisa, o ser fotografado, o fazer parte do projeto -, teria o mesmo efeito para os indivíduos que fazer parte de uma ação política em Honneth (2003), uma vez considerando a intervenção “Women are Heroes” como uma ação política.

Vi na arte de JR, na intervenção “Women are Heroes”, uma arte de potência política e que dizia muito, sem escrever nada, “somente” olhos de mulheres, periféricas, negras, nordestinas, mulheres não vistas, não representadas na grande mídia, ou

representadas de formas distorcidas, caricatas. Além do artista e também como uma das entrevistadas cita:

*... mas uma coisa é certa, a violência que nos atinge no Morro da Favela, no Morro da Providência, não é tanto quanto se demonstra ser, somos favelados, somos negros, somos lindos e vivemos. E vivemos bem, não temos tantos problemas assim, tanto quanto, mas somos felizes.* (Rosiete Marinho, líder comunitária, entrevista realizada em 2020)

O projeto de JR dá uma perspectiva mais realista à realidade vivida das pessoas do lugar, não o que é passado por pessoas que nunca foram lá; ele questiona os estigmas e estereótipos demonstrados pela grande mídia, em principal os noticiários, e no Brasil são ainda mais reforçados em novelas que não têm empenho em desenvolver histórias interessantes e diversas sobre a vida em comunidades periféricas, mas apenas a mesma narrativa que sempre envolve essas vidas com a violência e tráfico. A questão de admitir, sim, que existe violência, tráfico e tudo isso, mas não só e em grande parte não só. Sendo assim, a arte de JR - tenho que admitir aqui - sempre e durante muitos anos chamou minha atenção e acompanho seu trabalho por dez anos agora. Mas os olhos das mulheres, em especial, o das mulheres do meu país, me acompanharam e por isso esse estudo foi desenvolvido, tem coisas que atravessam a gente, e essa arte me atravessou e sempre foi importante para mim, me mover por coisas que me atravessam. E em especial, em uma época como a vivida agora, a arte há de ser política e ser um aliado das ciências sociais, do povo, das lutas. Portanto, gostaria de saber se por meio da intervenção “Women are heroes” houve a possibilidade de uma reversão de uma identidade, possivelmente deteriorada, por estigmas atribuídos a comunidades marginalizadas – no sentido de se estar à margem. Se a intervenção teve um impacto na vida das mulheres que participaram, ao ponto de mudar sua perspectiva de si e sua comunidade.

### **III.I. Meu caminho e metodologia**

Eu achava impossível conseguir uma entrevista com o artista, para saber o que ele considerava ser os resultados da sua intervenção. Além disso, como se falava de estima, gostaria de falar com as mulheres que participaram, saber delas como foi a participação, como foi o projeto, o que este significou. Ou seja, para essa pesquisa era importante que as mulheres falassem por si, o que foi o projeto do artista e o que aquilo significava para elas.

Sendo assim, as entrevistas com as mulheres foi o meio único para entender se a intervenção teria tido algum efeito sob a estima. Sendo, portanto, relevante para o estudo a história oral, que:

Consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.” (ALBERTI, 2015, p. 155).

As entrevistas seriam conduzidas pelo único meio que encontrei. Após descobrir que não haveria possibilidade de uma ida ao Rio de Janeiro, decidi que conduziria as entrevistas por Whatsapp ou o aplicativo de troca de mensagens do Facebook, o Messenger. As entrevistas, por querer obter informações mais sensíveis e abstratas, como a estima, seriam dadas de um jeito que deixassem as entrevistadas mais livres para falar; escolhi, por isso, entrevistas semiestruturadas:

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI e QUARESMA, 2005, p. 8).

Antes das entrevistas, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica exploratória:

Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental... Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 1995, p. 44-45).

Deste modo, através da pesquisa exploratória, fui me aprofundando nas teorias de estigma, estima, luta social e identidade, para assim formular a entrevista, de modo que as perguntas pudessem acessar esse tema e conseguissem através das perguntas, mais abertas, fazer com que as mulheres falassem do tema, sem serem incitadas de uma maneira muito direta. A pesquisa exploratória também me serviu para me aprofundar na história do lugar, contextualizar geográfica e historicamente o lugar onde a intervenção aconteceu.

O planejado para a pesquisa era que eu entrevistasse 5 mulheres. Desde o começo as dificuldades apareceram, tudo bem, eu as aceito, uma vez que escolhi 1- estudar algo que já aconteceu, mais precisamente, há mais dez anos atrás e 2- em um lugar espacialmente bem distante. Eu tinha que entrar em contato com essas mulheres, achar seus

telefones, ou algum outro contato, já que não haveria possibilidade de ir ao encontro pessoalmente. Liguei para a Casa Amarela, havia ouvido falar bem por cima deste lugar, antes de me aprofundar nesse estudo, mas sabia que tinha uma ligação com as mulheres. Liguei para lá, era meados de novembro-dezembro, me apresento, nome, instituição, falo brevemente sobre o trabalho que pretendo desenvolver, peço, então, as informações, pergunto pelas mulheres que participaram, se poderia ter o contato com elas, ou se eles poderiam fazer uma ponte entre eu e essas mulheres. A resposta é, basicamente, que não, eles não poderiam fornecer essas informações assim e a pessoa que atendeu achava que seria bem difícil eu conseguir o contato delas. Como o campo surpreende a gente às vezes, negativamente e positivamente!

Eu não desisto, eu queria escrever sobre aquilo, meu prazo também se aproximava, teria que reformular tudo, bem em cima. E eu queria escrever sobre aquilo. Muito. Lembro de uma entrevista que tinha achado quando pesquisava sobre coisas atuais sobre o Morro da Providência, o JR e tudo isso. Era uma matéria do Caldeirão do Huck que eu havia criticado tanto – por motivos que serão discutidos aqui. Será que aquela matéria me ajudaria a achar as donas dos olhos? Eu me lembrava de um nome, Rosiete, pois tinha visto, no curto filme no site do JR, mas não ia conseguir achar sem um sobrenome. Assisti novamente a matéria do Caldeirão, encontrei dois nomes, Rosiete e o de uma outra senhora que tinha participado de certeza do projeto, depois achei um livro de Frank Möller, “Visual Peace”<sup>20</sup>, ele também discorre sobre o trabalho de JR, eu não li o livro, gostaria, acho que seria muito bom para o que escrevo aqui, mas não li, somente peguei todos os nomes das mulheres que ele diz terem participado do projeto de JR. Então, fiz assim: achei Dona Rosiete no Facebook e uma outra participante do “Women are Heroes”; através dos nomes que tinha encontrado no livro ia pesquisar nos amigos das duas esses nomes, eram muitos nomes! Um a um, um dia após o outro, consegui contato com algumas mulheres.

E então rebati o que previamente parecia tão distante. Achei as mulheres. Mandava um pequeno texto, explicando quem eu era, o que pretendia e se elas me concederiam uma entrevista. O previsto eram cinco entrevistas pelo menos, consegui quatro. Não era tão ruim, é o campo, a última consegui no último minuto e uma outra parou de me responder na última pergunta, ainda assim, o material era muito bom, sou grata a essas mulheres.

---

<sup>20</sup> MÖLLER, Frank. **Visual Peace**: images, spectatorship and the politics of violence. London: Palgrave Macmillan, 2013.

Tinha a ambição de conseguir mais entrevistas de pessoas que não participaram do projeto, mas era da comunidade, para ter uma visão mais geral, mas, isso ficará para outro momento.

As entrevistas, depois de conseguir contato com as mulheres, demoraram para acontecer. Estabeleci contato com elas em dezembro, mas precisava estruturar as perguntas, em meio a uma grande crise acerca da importância do que se escreve, festividades de final de ano que dificultavam a frequência de troca de mensagens, entre outras coisas. Só fiz a primeira entrevista em fevereiro, por Messenger, mas, nossa, essa fluiu tão bem, a entrevistada tinha uma idade próxima à minha, eu me senti à vontade, ela parecia sentir o mesmo, eu me sentia cheia de vontade e esplêndida, mal podia esperar pela próxima entrevista. Era começo de fevereiro, eu tinha que correr para que as entrevistas terminassem antes do começo do carnaval... Não aconteceu. E aí eu senti que eu estava sendo engolida por prazos e eu não ia conseguir. Foi acontecendo, pouco a pouco. Algumas entrevistas começavam em um dia, terminavam no outro, ou dias depois, eu tentava respeitar o tempo das minhas entrevistadas, elas são a parte mais importante dessa pesquisa, sem elas não haveria pesquisa. Umas falavam muito, outras pouco, umas mandavam áudio, com outras percebi que a escrita fluía mais, três entrevistas por áudio, uma por troca textual de mensagem, essa última me senti mais engessada, mas funcionou. E assim fechei quatro entrevistas. Para ser sincera, eu adorei o fato das entrevistas serem online, como uma pessoa tímida, foi mais fácil manter uma postura de descontração quando falando com pessoas que não conhecia, talvez para elas também.

### **III.II. Mulheres da Providência, Mulheres são Heroínas**

Quanto à estima, autoimagem, visibilidade, foi possível ver nas entrevistas que entre o antes da intervenção artística de JR e o depois, tem sim uma diferença nesses quesitos:

*A Casa Amarela, se eu não me engano, ela completou 10 anos... o Luciano Huck lá, aquele cantor internacional, Pharell Williams, Anitta, então, foi um dia de alegria pra comunidade, entendeu? E tipo era coisas que há anos atrás, a gente nunca imaginaria que ia ter no morro, entendeu? Esse projeto na minha vida, ele me fez abrir mais os olhos assim, pro futuro né? Tipo assim, nunca é tarde pra fazer uma coisa, nunca é tarde pra fazer o que eu quero entendeu? Nunca é tarde pra eu realizar um sonho, sabe? E na vida assim da minha comunidade, mudou muito, na comunidade onde eu moro, mudou muito porque era uma comunidade que só tinha confrontos, né? Porque a pessoa escuta falar: ah o Morro da Providência, o Morro da Providência é perigoso e tal, é um lugar abandonado, é movido pelo tráfico de drogas e tal, sabe? Então muita gente via ali como... como um lugar errado, e*

*de repente, com o projeto, mudou. Mudou porque turistas vão e visitam, tiram fotos, artistas visitam, tiram fotos, entendeu? Crianças que tinham um pensamento vazio, vamo pôr assim... criança que tinha um pensamento vazio hoje já não tem mais, graças as oficinas de arte que ele fez dentro da Casa Amarela, entendeu? Então foi um levante, um levante na comunidade, foi uma coisa boa que ele fez. (T.M, 27 anos, entrevista realizada em 2020)*

Cabe dizer que não fiz uma pergunta que agora penso que talvez teria sido importante ser feita, a do que significaria reconhecimento para cada uma delas. Porém, se pode ver através das entrevistas que as mulheres colocam a dicotomia do ser visto ou não visto, do que era e do que é. Segue outra entrevista:

*...Fui buscar o JR no pé do morro, que começou a me explicar a ideia do projeto que até então era de um livro, que se tornou um filme campeão nas salas de cinema e uma maravilhosa exposição na Casa França Brasil<sup>21</sup>. Eles me fizeram surpresa até o último momento, cheguei de venda nos olhos. Você não imagina, não tem ideia, em uma casa que só passava na porta bem longe e naquele dia a minha foto (figura 18) e do meu povo estava exposta, cada um de nós sendo conhecido pela nossa história, ele chegou no momento de grande depressão popular na favela, reuni as mães e as mulheres dos meninos mortos pelo Exército, nosso grito soou longe... E o JR quis conhecer estas mulheres fortes (...) fotografou nossa exercia (?) em cada expressão de nosso rosto, eis que surge um livro de várias expressões. Logo depois um filme 28mm, e a exposição, com as mulheres, autografando para os convidados, foi uma experiência maravilhosa, um dia de rainha para as mulheres da favela. (Rosiete Marinho, líder comunitária, entrevista realizada em 2020)*

Figura 18: “Women are Heroes”, na Casa França Brasil, Rio de Janeiro



Fonte: Acervo pessoal de Rosiete Marinho.

De diferentes modos todas as entrevistadas falam como é a vida depois de “Women are heroes”:

---

<sup>21</sup> “A Casa é hoje um pólo de difusão de cultura e referência em arte contemporânea. São oferecidos cursos, seminários, ciclos de palestras, entre outros projetos, além da programação de exposições. A instituição possui sala de leitura e disponibiliza ao público, para consulta no local, um acervo diversificado de catálogos e livros de arte contemporânea.” (Site Fundação Casa França Brasil)

*O que agregou na minha vida essa experiência foi, amizades, conhecer pessoas, conhecer lugares, que através da exposição do JR eu tive a oportunidade de ser monitora de exposição, tive a oportunidade de conhecer n pessoas através dele, não só outros projetos e fazer amizades também, então, eu tenho pessoas, amigas que ele me trouxe e tudo mais nesses 10 anos e foi maravilhoso na época da exposição eu dei muita entrevista, falei muito sobre, até mesmo por causa lá da comunidade e conheci pessoas nesse meio me ajudaram, até hoje mesmo na minha profissão, com cursos. O JR foi uma pessoa muito importante na minha família, ajudou minha sobrinha, a minha sobrinha hoje fala inglês fluente por que ele conseguiu bolsa na Cultura Inglesa, hoje minha sobrinha faz psicologia e daqui um tempo talvez vá com ele pra fora com outras oportunidades, então, foram coisas que agregaram muito na minha família, essa amizade e que eu tenho e que hoje eu agradeço muito... Ah, a sensação é maravilhosa, de você tá participando de um projeto não só aqui, um projeto internacional, no caso rodou o mundo as fotos, aqui na comunidade, numa casa imensa, depois foi posta na Lapa meu rosto também ficou nos Arcos da Lapa (figura 19), então, é muito gratificante, é prazeroso fazer parte de um projeto que tem essa dimensão enorme... E aqui foi a Casa Amarela que eu ajudei a procurar a casa pra poder fazer o projeto. A comunidade ficou mais reconhecida por causa do projeto também, apesar de ser a primeira favela do Brasil, o Morro da Providência, ela ficou mais conhecida mundialmente através da Casa Amarela com o projeto que tem lá, social de francês, fotografia, coisas pra criança, e através disso JR trouxe muita gente aqui, então deu uma mudança sim na comunidade entre aspas. (R.C, 35 anos, entrevista realizada em 2020)*

Figura 19: Intervenção “Women are Heroes”, Arcos da Lapa, Rio de Janeiro, 2009



Fonte: Site do JR

A última entrevista das três não revelou muito sobre autoestima, mas sobre a estima social do grupo. Percebe-se que a partir da percepção das quatro entrevistadas, a

comunidade mudou sim. Porém, ainda assim, todas afirmam que houveram mudanças na comunidade. A quarta entrevistada fala sobre mudanças na vida pessoal e na da comunidade:

*Não, de lá pra cá não mudou nada não. Só sabedoria mesmo, entendeu? Só sabedoria mesmo. De lá pra cá, continua a mesma coisa, mas eu gostei muito de ter participado do livro dele, do JR. Então, a mudança que teve foi essa, entendeu? Eu acho assim que o JR levou... antigamente ninguém conhecia a primeira favela do Rio de Janeiro, aí hoje em dia todo... muita gente conhece, primeira favela do Rio de Janeiro: Morro da Providência. Ele levou nossa história pra outros países, entendeu? Trouxe a oportunidade da Casa Amarela, porque dentro da comunidade nós não tem nada, além de ser a primeira favela do Rio de Janeiro, a comunidade não tem nada, então ele trouxe o projeto da Casa Amarela, com várias atividades para nossas crianças, para mãe das crianças tem projeto também, entendeu? Ele fez o local ser reconhecido. Ele fez o local ser reconhecido. E através... e tem a Casa Amarela agora. Tem a Casa da Lua que ele fez também, que é o alto da laje da Casa Amarela, tem um quarto de lua, inclusive que é muito bonito. (G.E, 37 anos, entrevista realizada em 2020)*

Portanto, se se considerar que o reconhecimento traz mudanças na estima do indivíduo, então, as mudanças aconteceram sim, como consequência da participação das mulheres no projeto do artista JR. A comunidade para elas é agora vista, as oportunidades, e elas falam sempre das crianças, mudaram. Pensando na simbologia da criança que significa futuro, novo, começo, pureza, é como se o ciclo que se inicia após a chegada da Casa Amarela fosse isso, a possibilidade de um novo futuro. Isto se exemplifica bem nesta passagem:

*Assim, a sensibilidade dele na época, por a gente ter passado, por um momento difícil, a sensibilidade dele, foi uma sensibilidade boa, porque não foi só aquela coisa de assim: ah, mas aí sofreram, porque houve essa coisa triste toda que aconteceu na comunidade e tal, e vamos fazer isso. E depois cai no esquecimento. Não, ele não, ele parece que tipo, fez e começou a seguir em frente, começou a seguir em frente, e construiu a Casa Amarela, botou um monte de oficina de arte pras crianças fazerem, ocupar a mente das crianças, entendeu? Porque as crianças crescem e só cresciam só via arma na frente, arma de fogo, arma de fogo o tempo todo. Com o projeto não, com o projeto eles veem outras coisas. Tem crianças que sonham em ser jogador de futebol, sonham em ser aeromoça, sonham de ser, sei lá, astronauta, tem crianças que levam os sonhos além, né? E foi uma coisa boa, entendeu? Ele tirou aquela visão de só arma de fogo da frente das crianças e botou coisas culturais na comunidade, e isso foi bem legal da parte dele, bem legal mesmo. (T.M, 27 anos, entrevista realizada em 2020)*

Outra coisa muito importante, percebida durante as entrevistas, é que a intervenção do JR, “Women are Heroes”, enquanto a colagem dos lambe-lambes, não é algo desgrudado do projeto Casa Amarela, é como se para elas fosse uma continuação, ou seja, os efeitos sob a estima não podem aqui ser analisados somente sob a perspectiva da participação no projeto, mas o que significa a Casa Amarela, como uma coisa única. As fotos, o livro e a Casa Amarela são parte do projeto e aqui eles formam uma única coisa,



uma linha contínua, que no fim se torna uma coisa só. Fazer parte de um projeto, de uma exposição, de um livro, parece ter sido importante para todas, e todas entrevistadas parecem admirar o artista.

### **III.III. A Casa Amarela**

Da morte bruta dos três garotos, Wellington, Marcos Paulo e David, da barbárie, a “Women are Heroes”, a “28 milímetros: Mulheres da Providência”, à Casa Amarela. A Casa Amarela foi criada após um ano de “Women are Heroes”, segundo o site do centro cultural e artístico:

A Casa Amarela está localizada no alto do Morro da Providência e atua como centro cultural e artístico para seus moradores por meio de oficinas e aulas dirigidas por artistas locais, moradores, ativistas e professores da Providência e outros voluntários muito diversos do Brasil e do resto do mundo. Graças a colaborações com instituições culturais e ao apoio de doações locais e internacionais, o nosso espaço oferece atividades artísticas, culturais e educacionais. (Site da Casa Amarela)

A Casa Amarela (figura 20) oferece atividades voltadas para crianças e jovens majoritariamente, mas tem atividades para mães, mulheres e todos os outros moradores da comunidade. Além da Casa Amarela, tem a Lua que funciona como um espaço, um quarto para os artistas residentes, ou seja, além das atividades oferecidas em parceria com artistas locais e moradores, artistas vindos de todo o país e também de fora, oferecem cursos e afins. Os cursos são diversos, esportes de todos os tipos, teatro, dança, música, arte-terapia, jardinagem, línguas, reforço, alfabetização para adultos, economia, artesanato, fotografia, passeios, entre muitas outras atividades que podem ser encontradas no site e no Instagram da Casa Amarela. A Casa Amarela dá esse espaço de arte, educação e cultura que desmantela de certa forma a estrutura, abre oportunidades, espaços para que essas pessoas de lugares em desvantagem social ocupem e tenham acesso a muito mais do que a classe dominante diz ser possível. O aumento do capital cultural<sup>22</sup> em termos do acesso à cultura, arte e afins, desmantela a estrutura, com a possibilidade de reconfiguração desta.

Portanto, entendo que o meu objetivo aqui era a interação entre arte e estima, e o que esse encontro poderia proporcionar. Ao longo da pesquisa, encontrei outro algo muito

---

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

importante para a discussão. A continuidade da arte, como se, segundo os conceitos de Mouffe discutidos no segundo capítulo. A arte crítica, sendo “Women are Heroes”, as colagens nas paredes seriam a potência de crítica à práticas estabelecidas na sociedade, e tendo a Casa Amarela, como espaço público, capaz de gerar uma percepção crítica quanto à realidade. Portanto, a Casa Amarela prepararia o campo para que a arte conseguisse atingir sua efetividade crítica e de mudança.

Figura 20: Casa Amarela e a Lua, Morro da Providência



Fonte: Revista online GQ Brasil

#### **III.IV. Possibilidades e limitações do artista e de sua arte**

Adiante, algo que Rial (2014) fala sobre a restituição na questão do que os antropólogos (antropologia visual/audiovisual, aplicando-se em geral aos pesquisadores

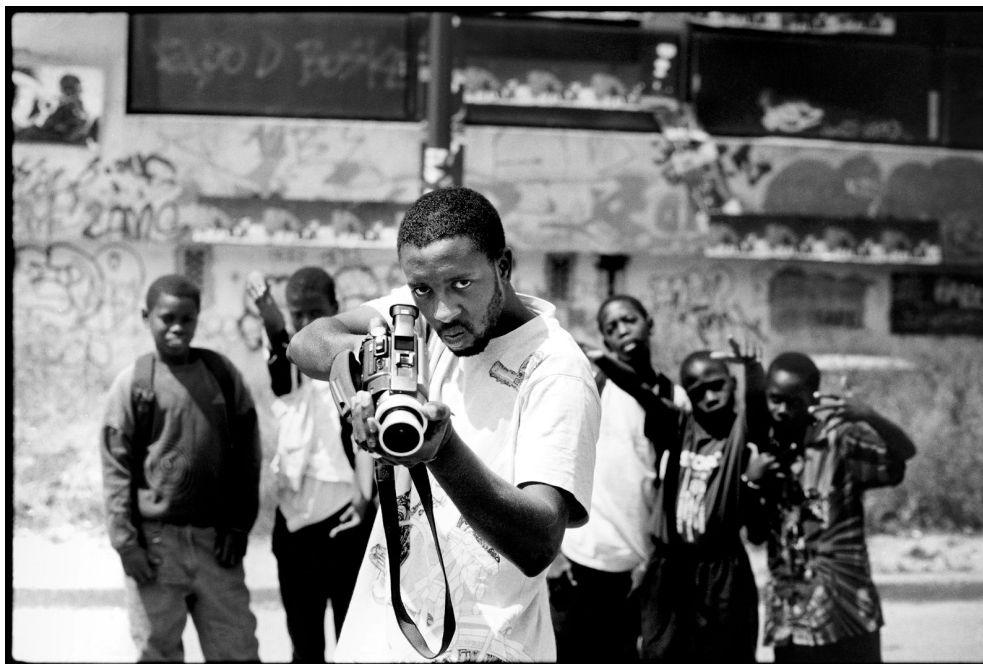
das Ciências Sociais), podem retornar às pessoas que são pesquisadas, às comunidades pesquisadas, elevando o valor da comunidade, para além de uma produção -- científica ou artística, como se não fossem só um texto, ou em outros casos, só um filme, para nós pesquisadores, levando em perspectivas e necessidades da comunidade estudada, do que tem significado. O que nós retornamos de importante, para quem pesquisamos, o que nós produzimos após pesquisa em campo para as comunidades? Vejo que JR, apesar de não ser um antropólogo, porém, um artista visual, faz da Casa Amarela sua restituição. Trata-se de observar o que a comunidade quer e o que a comunidade diz que precisa.

Me chateia, imensamente, não posso negar, que um artista como JR, com diversas críticas à mídia, tenha se aliado recentemente a Luciano Huck (subiu o morro para fazer uma entrevista, e depois na comemoração dos 10 anos da Casa Amarela). Diante de uma análise crítica do que esse apresentador representa é simplesmente triste. É um cara rico, com uma ilha que dá casa, carro aos pobres, mas que claramente não luta pelos direitos das comunidades menos abastadas, quando não está em frente às câmeras. Quando em entrevista no Morro da Providência, acompanhado de JR, pergunta a uma criança se ela já viu armas, o que acaba reforçando a imagem das favelas que o próprio artista tentou evitar. Essa crítica tem que ser feita, posto ainda que se aproxima ano de eleição.

Tendo comentado a abordagem do apresentador, deve-se colocar outro acontecimento semelhante. Em meio ao Estado militarizado que se tornou o Rio de Janeiro, que mata a população negra e periférica, e que no Morro da Providência, existe uma história que marcou a comunidade devido a excessos por parte do Exército, Madonna, também na companhia do artista JR sobe o morro “fantasiada” de militar. A imagem carrega simbologia oposta ao que o artista supostamente defenderia, dado sua história com a comunidade e com comunidades que ele trabalha, em zonas de conflito. Enfim, como se fosse algo desgrudado de toda a realidade e de tudo que o artista tentou se afastar e questionar (figura 21).

Em meio a esses dois casos, porém, não se pode ignorar que para algumas entrevistadas o fato do dito apresentador ter subido o morro tem uma ligação direta com ser reconhecido, ser visto, e o fato da Madonna visitar a comunidade também. Baseando-me em Rial, quem sabe o que é bom para eles são eles, como uma entrevistada fala sobre o que deseja para o futuro da Casa, são atrações que as pessoas gostem, que as pessoas dali apreciem.

Figura 21: Projeto de JR no Les Bosquets, Paris, 2004



Fonte: Site do JR.

Quanto ao questionamento do artista no TED Talks de 2011: Pode a arte mudar o mundo? Acredito que sim, uma arte engajada, não descolada da realidade, pode. Os projetos do JR, dentro da comunidade, podem representar os dois tipos de remédios que Nancy Fraser chama de transformativos e afirmativos. Em seu texto “Da distribuição ao reconhecimento?”, Fraser (2006) nos apresenta as injustiças causadas por falta de reconhecimento, porém, sem esquecer que estas acontecem em um mundo que ainda sofre bastante com a desigualdade material, ou seja, para ela justiça envolveria tanto redistribuição quanto reconhecimento. Tendo explanado bastante sobre Honneth, e sabendo que existe um embate entre os dois autores, Fraser e Honneth, a inclusão de Fraser neste trabalho não significa a discordância com o que falei em capítulos anteriores. Honneth se prova essencial para este estudo, sua teoria sobre reconhecimento e em especial sobre a estima. Mesmo assim, Fraser nos força a não esquecer de um contexto mais completo, de que as classes sociais e com elas a desigualdade econômica estão presentes em qualquer relação dada na sociedade atual, portanto, não posso simplesmente ignorar isto.

Bem, para Fraser (2006), o reconhecimento é sim importante, porém, tão quanto a redistribuição, pois, mesmo em uma sociedade que está no auge de uma luta por reconhecimento identitário, ainda existem classes e desigualdade econômica. Uma

sociedade justa seria feita, conseqüentemente, com redistribuição e reconhecimento. Ela prova seu argumento, quando fala das coletividades bivalente, que seriam grupos que sofrem tanto com a má redistribuição (dimensão econômico-política) quanto com a falta de reconhecimento (dimensão cultural-valorativa), um exemplo citado por ela, que será simplificado aqui é o do gênero, as mulheres sofrem com má remuneração, pelo simples fato de serem mulheres, um problema resolvido com redistribuição. Ao mesmo tempo, o ser mulher é tido como pior que o ser homem, como os traços de força sempre relacionados aos homens etc. O problema das mulheres se resolveria, portanto, “extinguindo” o gênero das relações econômicas, o que envolve redistribuição, mas ao mesmo tempo exaltando que mulheres são tão dignas de respeito quanto homens; este último aspecto seria resolvido com o reconhecimento. Onde eu quero chegar? Para Fraser, existem remédios afirmativos e transformativos, nos dois casos, para a redistribuição e para o reconhecimento. Os remédios afirmativos mexem na desigualdade, porém, não mudam a estrutura social que é a raiz dessa desigualdade, já os remédios transformativos alteram a estrutura, podendo dismantelar por completo a lógica das desigualdades.

“Women are Heroes” tem grande apelo visual grande e provou aqui ser grande aliado na reconstrução de uma identidade, porém, ele sozinho, poderia ter sido algo que não mexeria na estrutura. Como se trata de uma comunidade social e historicamente marginalizada e estigmatizada, não se pode deixar de afirmar que só o reconhecimento, não faria um papel completo quando se fala de justiça. A Casa Amarela, enquanto um espaço de arte, educação e cultura, juntamente, pode ser um remédio transformativo, através do conhecimento, da arte, pode mexer nas estruturas e alcançar a justiça para uma comunidade que tem em sua população o que Fraser chamaria de coletividades bivalentes, que necessitam de justiça redistributiva e de reconhecimento, através do conhecimento, esse por meio da arte, pode fazer com que as injustiças sejam consertadas. A Casa Amarela pode funcionar como um exemplo da ligação entre três autoras usadas aqui. O espaço cultural Casa Amarela, representa o que Chantal Mouffe expõe como espaços agonísticos e a prática de arte crítica (“Women are Heroes” está ligada na História com a Casa Amarela), além de fazer o papel da restituição que Carmen Rial fala e os remédios transformativos e afirmativos de Nancy Fraser.

## Conclusão

Discorri sobre o Morro da Providência, sobre sua história e seus habitantes, os colocando em perspectiva com teorias das ciências sociais, sobre identidade, reconhecimento, estigma, estima, passando pelo valor da arte, enquanto representação da sociedade e também no seu dispositivo político. Por último, mostrando o que foi achado nessa perspectiva, através de entrevistas do artista na internet, avaliação dos seus trabalhadores anteriores e sua história, e as entrevistas com mulheres da comunidade que participaram do projeto, pode-se concluir que a crítica feita no capítulo anterior sobre os artistas que o JR tem se “aliado”, é necessária. Enquanto futura cientista social, era de minha obrigação apontar as discordâncias, as possíveis simbologias e significados de uma relação como esta. Porém, o que foi aprendido com esse estudo é que apesar das críticas, não se pode tirar o valor do trabalho que o artista fez e faz na comunidade.

O poder da imagem, do projeto em si, das fotos, do livro, é grande, se mostrou uma experiência que mudou, segundo as entrevistadas, a maior parte da vida destas, que fizeram parte. Foi possibilitado, como dito por elas, ir a lugares antes inimagináveis, seja estar em Paris ou ter seu rosto estampado na Casa França Brasil. O contato com pessoas também, antes de um lugar distante, parece ter sido aproximado com o projeto. E a importância em si de se fotografar rostos que não são mostrados nessa qualidade pela grande mídia. Conclui-se que, sim, uma mudança na estima através da arte, a ocupação dos espaços e a participação das mulheres em um nível que o projeto pertencesse igualmente tanto a elas quanto ao artista, se mostrou eficaz, no que diz respeito à mudança na autoestima.

Como citado também pelas entrevistadas, não houve algum tipo de mudança econômica por conta do projeto. Duas citam o conhecimento como principal bem adquirido, a mudança econômica não era o foco da pesquisa, porém, consegui enxergar a possibilidade da Casa Amarela funcionar como possível remédio transformativo, no sentido tanto da justiça de redistribuição, quanto de reconhecimento, tendo o centro cultural como um lugar de obtenção de conhecimento através da arte, sendo o conhecimento uma porta para reversão de injustiças e possibilitando uma redistribuição de bens, além dos econômicos, como educação e cultura.

Além disso, foi possível observar a esperança depositada na Casa Amarela como dispositivo de mudança na comunidade. Todas as mulheres falaram das crianças da comunidade e como para essas a vida seria diferente, por conta das oportunidades dadas pelo espaço.

É inquestionável o valor da obra de JR para a comunidade, com a ideia de levar a voz delas, através de um livro, de suas imagens e expressões, mas mais ainda a continuidade do projeto, construindo um centro cultural, voltado para necessidades das pessoas daquela comunidade, tendo a arte com principal aliado. O que foi percebido principalmente é que somente a autoestima sozinha é importante, mas a estima social, do grupo por completo é melhor, se a arte possibilitou a percepção do autovalor dos indivíduos da comunidade é bom, mas a estima social da comunidade como um todo, é o melhor desfecho e foi isso que foi percebido, um aumento na estima pessoal e no da comunidade, levando em consideração, a visão das mulheres entrevistadas. Vale salientar finalmente que o que se esperava encontrar era mudanças na dimensão do reconhecimento. Porém, ao longo do estudo, algo a mais apareceu; concluí que junto com arte crítica, além da mudança no reconhecimento, deve-se procurar provocar mudanças estruturais.

## Referências

BECKER, Howard. **Falando da Sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1, p.68-80, jul. 2005. Semestral

Caldeirão do Huck. **Artista plástico JR** transforma o Morro da Providência com centro cultural Casa Amarela, mar. 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/noticia/artista-plastico-jr-transforma-morro-da-providencia-com-centro-cultural-casa-amarela.ghhtml>>. Acesso em 4 abr. 2020.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento?** Dilemas da justiça numa era "pós socialista". **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p.231-239, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo. Atlas, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2008.

GUERRA de Canudos ou Campanha de Canudos. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_de\\_Canudos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos)>. Acesso em: 4 abr. 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

JR. **My Wish**: use art to turn the world inside out, mar. 2011. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/jr\\_my\\_wish\\_use\\_art\\_to\\_turn\\_the\\_world\\_inside\\_out](https://www.ted.com/talks/jr_my_wish_use_art_to_turn_the_world_inside_out)>. Acesso em 4 abr. 2020

JR. **Women are heroes**, Brazil 2008-2009. Disponível em: <<https://www.jr-art.net/projects/rio-de-janeiro>>. Acesso em 4 abr. 2020.

JR. **Women are heroes**, ano. Disponível em: <<https://www.jr-art.net/project-list/woman-are-heroes>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

MELLO, Carolina Braun de. **Tecendo memórias e fotografias**: dos sertões à favela. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.



MÖLLER, Frank. **Visual Peace**: images, spectatorship and the politics of violence. London: Palgrave Macmillan, 2013.

MOUFFE, Chantal. **Quais espaços públicos para práticas de arte crítica?** *Artes & Ensaios*: revista do ppgav/eba/ufRJ, Rio de Janeiro, v. 27, p.181-199, dez. 2013.

MUSUMECI, Leonarda. **Perfil sociodemográfico dos moradores de favelas com UPP na cidade do Rio de Janeiro, 2016**. 2016. Disponível em: <<https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Perfil-sociodemogr%C3%A1fico-dos-moradores-de-favelas-com-UPP.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. In: ALBERTI, V. et al. (orgs.). **Fontes orais**: Histórias dentro da História. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 155- 202.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. **ROUBAR A ALMA**: ou as dificuldades da restituição. *Tessituras*: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 2, n. 2, p.201-212, dez. 2014.

MORITZ SCHARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**: Cientistas, Instituições e Questão racial no Brasil 1870-1930. 1. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

TERRY, Tatiana. Favela:Paisagem Cultural. *Revista Prumo*, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 17, oct. 2018. ISSN 2446-7340. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/632>>. Acesso em: 04 apr. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.24168/revistaprumo.v3i4.632>.

TOLEDO, Mariana Peixoto de. **Participação de instituições locais em projetos de revitalização urbana**: o caso do projeto Porto Maravilha na cidade do Rio de Janeiro. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão Social, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2012.

VALLADARES, Licia. A GÊNESE DAFAVELA CARIOCA: A produção anterioràs ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 15, ed. 44, p. 5-34, out. 2000.

## Anexo

### Anexo I

#### Roteiro de entrevistas

0) Olá, tudo bem? Meu nome é Renata Fernanda Lima de Melo, estudante do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal da Paraíba. Estou desenvolvendo um estudo sobre arte e esfera pública, as capacidades da arte como trabalho de conclusão de curso sob orientação do professor Aécio Amaral. Vou te fazer algumas perguntas sobre a intervenção de JR no Morro da Providência no ano de 2008. Por favor, se você concorda em conceder a entrevista, falar no primeiro áudio seu nome completo e dizer que autoriza o uso dessa entrevista para essa pesquisa e o uso dos dados coletados para publicação em revista científica nacional e/ou internacional e possíveis eventos. Seu nome será mantido em sigilo. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Eu já li bastante sobre o projeto, vi entrevistas e tudo mais, mas gostaria de saber o seu lado da história, então me desculpa, se algumas perguntas parecem bobas ou óbvias, é só para ouvir o que você tem a dizer. Se tiver alguma dúvida não importa perguntar, tá bom? Caso se sinta desconfortável em responder algo, pode se recusar a responder.

- 1) Nome, idade, filhos, escolaridade, trabalho, onde mora?
- 2) A senhora poderia me dizer o que foi o Projeto “Women are Heroes” (Mulheres são heroínas)?
- 3) Como foi sua participação no projeto, e como a senhora avalia a experiência pra sua vida pessoal?
- 4) Como a senhora se sentiu ao ser fotografada? E como foi ver a exposição das fotos na murada das casas?
- 5) Algo mudou na vida da senhora/ A senhora identifica mudanças que aconteceram na sua vida por conta de sua participação no projeto? Se sim, poderia dizer quais?
- 6) E houveram mudanças na sua comunidade por conta do projeto? Se sim, quais?
- 7) Na opinião da senhora, o que o projeto trouxe de melhor tanto para a senhora quanto para a sua comunidade?
- 8) A senhora conhece o Centro Cultural Casa Amarela? Se sim, o que pensa sobre ele?